

Museu Nacional

27.04.2019

Resistência e Liberdade

**POR TEU
LIVRE
PENSAMENTO**

**FOR YOUR
FREE
THINKING**

Fortaleza de Peniche

27.04.2019

**POR TEU
LIVRE
PENSAMENTO**

**FOR YOUR
FREE
THINKING**





A exposição “Por Teu Livre Pensamento” constituiu-se como momento inaugural da missão que consiste em fazer nascer, na Fortaleza de Peniche, o Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Trata-se de um ato profundamente simbólico, a marcar a abertura ao público de um projeto museológico ímpar, que tem desafiado a Direção-Geral do Património Cultural em múltiplas e entusiásticas frentes, abraçadas por uma equipa vasta e multidisciplinar de qualificados profissionais dos nossos quadros.

O 15º Museu Nacional perpetuará a memória da resistência à ditadura e afirmar-se-á como espaço de homenagem à árdua e sofrida luta travada em nome da Liberdade e dos Direitos Humanos no nosso país, durante 48 longos anos de repressão.

Constituir-se-á, também, como fonte de conhecimento e de reflexão sobre valores humanistas que, sendo matriciais, são contudo facilmente perecíveis ao sabor dos ciclos da História.

Ao retratar o sofrimento do que é não ser livre, sequer para pensar, ultrapassamos o campo da memória e apontamos claramente para o futuro. Este Museu lembrar-nos-á sempre que a mais valorosa conquista de abril de 1974 – a Liberdade – continuará a ser o que não queremos, nunca mais, perder.

Foi mediante consenso generalizado que, em 2017, o atual governo aprovou um plano de recuperação da Fortaleza de Peniche para nela instalar um Museu Nacional. E a Assembleia da República defendeu, em plenário, da esquerda à direita, a requalificação e a preservação da sua memória histórica, enquanto ex-prisão política da ditadura.

É com assumido orgulho que estamos a posicionar Portugal na rota internacional dos monumentos e museus que celebram os Direitos Humanos. No tempo conturbado em que vivemos, a chamada de atenção para essa conquista torna-se quase um imperativo ético, e é seguramente uma questão de cidadania.

Posteriormente foi criada a Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação

The exhibition “Por Teu Livre Pensamento” (“For your Free Thinking”) is the inaugural act of the creation of the National Museum of Resistance and Freedom in the Peniche Fortress.

This is a deeply symbolic act, which marks the opening to the public of a unique museological project, which has challenged the Directorate General of Cultural Heritage on multiple and enthusiastic fronts and has been embraced by a huge multidisciplinary team of qualified professionals from our staff.

The 15th National Museum will perpetuate the memory of resistance to the dictatorship and will be a place of homage to the arduous and painful struggle in the name of Freedom and Human Rights in our country during 48 long years of repression.

It will also be a source of knowledge and reflection on humanist values that despite being fundamental have withered and declined at times throughout history.

In portraying the suffering caused by lack of freedom, even the freedom to think, we go beyond the field of memory and point clearly to the future. This Museum will always remind us that the most valuable achievement of April 1974 – Freedom – will continue to be what we do not want to lose – ever again.

In 2017 the current government unanimously approved a recovery plan for the Peniche Fortress to install a National Museum in it. Moreover, the Assembly of the Republic approved, in parliament, on both left and right, its refurbishment and the preservation of its historical memory, as an ex-political prison of the dictatorship.

It is with great pride that we are now positioning Portugal on the international itinerary of monuments and museums that celebrate Human Rights. In the troubled times in which we live, the call for attention to this achievement has almost become an ethical imperative, and it is surely a matter of citizenship.

Later, the Committee for Museum Content Production and Presentation (CICOM) was

Museológica (CICOM), responsável pela elaboração do guião expositivo do Museu, que integra entre os seus membros alguns dos expressos de Peniche, a par de outras reconhecidas personalidades. Ao seu incansável labor e meritória dedicação se deve o desenho da exposição "Por Teu Livre Pensamento".

Se por um lado trabalhamos com um distanciamento histórico confortável, na medida em que já passaram 45 anos desde os acontecimentos que nos propomos narrar em discurso museológico, por outro lado temos o enorme privilégio de enriquecer a nossa tarefa com os contributos de muitos dos que viveram aquele período e estiveram nesta prisão.

Conciliar estes dois fatores é uma circunstância rara e feliz, portanto eu diria que este Museu não poderia ter nascido nem mais tarde nem mais cedo. Ele vai nascer, rigorosamente, no tempo certo.

Sabemos que o Património Cultural, sendo memória, nunca chega a ser, simplesmente, passado. Ele pertence sempre ao tempo presente, porque dele faz parte e nele participa. E, por essa ação, inscreve-se no tempo futuro. Essa é a grande mística do Património: pertencer por inteiro a todos os tempos.

A Fortaleza de Peniche é exemplo vivo desta dinâmica. Trata-se de um conjunto patrimonial notável, que começou por ser uma fortificação militar, depois foi prisão política e agora renasce num uso distinto, enquanto espaço de cultura e memória. Entendamos, pois, esta exposição como luminosa alvorada de um "dia inicial, inteiro e limpo".

Paula Araújo da Silva
Diretora Geral do
Património Cultural

established to oversee the production of the Museum's exhibition design. The committee's members include some ex-prisoners of Peniche and other well-known personalities. Their tireless work and commendable dedication are at origin of the design of the "Por Teu Livre Pensamento" exhibition.

While on the one hand we work with a comfortable historical detachment, as 45 years have passed since the events that we propose to narrate in our museological discourse, on the other hand we have the enormous privilege of enriching our task with the contributions of many of those who lived through the period and spent time in this prison.

Reconciling these two factors is a rare and happy circumstance, so I would say that this Museum could not have been created any later or any sooner. It is going to be created, strictly, at the right time.

We know that Cultural Heritage, as memory, is never restricted to the past. It always belongs to the present, because it is part of and participates in the present. Thus, it is therefore inscribed in the future. This is the great mystique of Heritage: it belongs fully to the past, the present and the future.

The Fortress of Peniche is a living example of this dynamic. It is a remarkable heritage site, which began as a military fort, was then a political prison and is now reborn with a new use as a space for culture and memory. Let us therefore consider this exhibition as the bright dawn of a "new, whole and clean day".

Paula Araújo da Silva
Director - General
of Cultural Heritage

POR TEU LIVRE
PENSAMENTO

FOR YOUR FREE
THINKING



Resistência

Júlio Pomar, 1946
Óleo sobre madeira
Coleção do Museu de Lisboa
Câmara Municipal de Lisboa
(doada pelo artista)
Em depósito no Atelier-Museu
Júlio Pomar/EGEAC
© António Jorge Silva / AMJP

Resistência

*Júlio Pomar, 1946
Oil on chipboard
Collection of the Museum of Lisbon
Lisbon City Council
(donated by the artist)
Deposited at the Atelier-Museu
Júlio Pomar/EGEAC
© António Jorge Silva / AMJP*

Abandono ou Fado de Peniche

Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar
Tão longe que o meu lamento
Não te consegue alcançar
E apenas ouves o vento
E apenas ouves o mar
Levaram-te a meio da noite
A treva tudo cobria
Foi de noite numa noite
De todas a mais sombria
Foi de noite, foi de noite
E nunca mais se fez dia.
Ai! Dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar
Oíço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar
E ao menos ouves o vento
E ao menos ouves o mar

David Mourão Ferreira
1962

Desde 27 de abril de 1974, data da libertação dos presos políticos, que a Fortaleza de Peniche se afirmou como símbolo da Resistência e da luta pela Liberdade. Por essa razão decidiu-se preservar a integridade deste edificado histórico, militar e prisional, através de um projeto de musealização.

O Conselho de Ministros, realizado na Fortaleza de Peniche a 6 de maio de 2017 pelo XXI Governo Constitucional, determinou a criação de um Museu Nacional neste local que, ao preservar a memória de 48 anos de supressão das liberdades em Portugal, perpetuará uma reflexão essencial à construção do futuro.

A exposição “Por teu Livre Pensamento” resgata momentos marcantes da história contemporânea - a repressão e a violação dos direitos humanos pela Ditadura Militar e o Estado Novo, a Guerra Colonial, a Resistência ao Fascismo, o 25 de Abril e o Regime Democrático - a partir da memória do lugar, a Prisão de Peniche.

Uma grande homenagem aos presos políticos, às suas famílias, à população de Peniche e aos milhares de mulheres e homens que, ao longo de quase meio século, sacrificaram a liberdade e a vida na luta contra o fascismo, pela Democracia.

Abandonment or Fado of Peniche

For your free thinking
They closed you in far away
So far away that my grieving
Cannot reach you
And you just hear the wind
And you just hear the sea
They took you in the middle of the night
Darkness was all around
It was one night, by night
The darkest of all nights
It was at night, it was at night
And never again came the daylight.
Oh! The poison of that night
Does not cease to poison me
I can only hear the silence
That has remained in your place
And at least you hear the wind
And at least you hear the sea

David Mourão Ferreira
1962

The Fortress of Peniche became a symbol of Resistance and fight for Freedom when it released its political prisoners on 27 April 1974. Hence, it was decided that the integrity of this historical, military and prison building ought to be preserved through the implementation of a museum project.

The Council of Ministers of the 21st Portuguese Constitutional Government that took place at the Fortress of Peniche on 6 May 2017 established a National Museum on this site that by preserving the memory of 48 years of suppression of freedom in Portugal will perpetuate an essential reflection for construction of the future.

The exhibition “For your Free Thinking” evokes striking moments of contemporary history - repression and violation of human rights by the Military Dictatorship and the Estado Novo, the Colonial War, Resistance to Fascism, the 25 of April Revolution and the ensuing Democratic Regime - based on the place of memory, the Peniche Prison.

This is a great tribute to the political prisoners, their families, the people of Peniche and thousands of women and men who, for almost half a century, sacrificed their life and freedom in the fight against fascism and for Democracy.

Introdução

O golpe militar de 28 de maio de 1926 derrubou a I República e implantou a Ditadura Militar. Em 1933 esta deu lugar ao Estado Novo, designação que tomou o regime fascista em Portugal.

O governo ditatorial foi dirigido por António de Oliveira Salazar de 1932 a 1968. Depois de declarada a sua incapacidade física, Salazar foi substituído no cargo por Marcelo Caetano, que chefiaria a ditadura até ser derrubado pelo Movimento das Forças Armadas – MFA – em 25 de Abril de 1974.

Representando o culminar da constante resistência do povo português, expressa em milhares de pequenas e grandes ações, a Revolução de Abril restituiu aos portugueses o direito a viver em liberdade e o poder de decidir o seu destino.

Chegava ao fim a mais longa ditadura fascista da Europa, que significou 48 anos de opressão em Portugal e nos territórios colonialmente dominados.

Introduction

The military coup of 28 May 1926 overthrew the First Republic and led to Military Dictatorship. In 1933 this regime evolved into the Estado Novo, a designation of the fascist regime in Portugal.

The dictatorial regime was led by António de Oliveira Salazar from 1932 to 1968. Once his physical disability was declared, Salazar was replaced by Marcelo Caetano, who would lead the dictatorship until he was overthrown by the Armed Forces Movement – MFA – on 25 April 1974.

Representing the climax of the constant resistance of the Portuguese people, expressed in thousands of large and small actions, the April Revolution handed back to the Portuguese people the right to living in freedom and the power to decide their destiny.

This is how the longest fascist dictatorship in Europe ended, following 48 years of oppression in Portugal and in the colonialy dominated territories.



Humberto Delgado impedido de entrar em Lisboa
Durante a campanha eleitoral para a Presidência da República
1958
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Humberto Delgado was banned from entering Lisbon
During the campaign for election of the President of the Republic
1958
Arquivo Nacional Torre do Tombo



Liberdade
Vieira da Silva, 1984
Cartaz comemorativo do 10.^o
aniversário do 25 de Abril de 1974
Biblioteca Nacional de Portugal

Freedom
Vieira da Silva, 1984
Poster commemorating the 10th
anniversary of the 25 April 1974 revolution
Biblioteca Nacional de Portugal

A Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974

A Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 significou o fim da ditadura fascista e a conquista da Liberdade:

O fim das prisões políticas

A instauração das liberdades de expressão do pensamento, de imprensa, de associação, de reunião e de manifestação

A consagração de direitos essenciais dos trabalhadores

A instauração do poder local democrático

O fim das guerras coloniais

O direito dos povos das colónias à autodeterminação e independência

A melhoria das condições de vida do povo

A democratização do ensino

A consagração da igualdade entre homens e mulheres

A alteração de mentalidades

E um regime democrático constitucionalmente consagrado.

The Carnation Revolution of 25 April 1974

The Carnation Revolution of 25 April 1974 marked the end of the fascist dictatorship and the conquest of Freedom:

The end of political prisons

The establishment of freedom of thought, press, association, assembly and expression

The consecration of workers essential rights

The establishment of a democratic local power

The end of colonial wars

The right of peoples from the colonies to self-determination and independence

The improvement of people's living conditions

The democratization of education

The establishment of equality between men and women

Change of mentalities

And a constitutionally consecrated democratic regime.



25 de Abril de 1974

Militares e população
no Largo do Carmo (Lisboa)

Foto de Miranda Castela, 1974

©Arquivo Fotográfico da Assembleia
da República, MC 0498

25 April 1974

Soldiers and population at
the Carmo Square (Lisbon)

Photo by Miranda Castela, 1974

©Arquivo Fotográfico da Assembleia
da República, MC 0498

27 de Abril – Libertação dos Presos de Peniche

No vasto sistema de prisões políticas, a Fortaleza de Peniche (1934-1974) tornou-se símbolo maior da repressão do regime fascista. Os mais de 2.500 presos que aqui permaneceram, alguns durante longos anos, foram sujeitos a um regime prisional violento, concebido para o seu progressivo aniquilamento físico, psíquico e moral.

No dia 25 de Abril de 1974 a prisão da Fortaleza de Peniche foi cercada por uma força militar do MFA proveniente de Leiria, mas os elementos da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) só se renderam na manhã do dia seguinte.

A concentração de populares junto à Fortaleza, a ação dos militares do MFA e a decisão tomada pelos presos de que ou “saíam todos, ou nenhum” impulsionaram a libertação dos presos concretizada, enfim, na madrugada do dia 27 de abril.

27 April – Release of Prisoners from Peniche

In the vast system of political prisons, the Fortress of Peniche (1934-1974) became a prominent symbol of repression against the fascist regime. Over 2.500 prisoners were confined in this prison, some for many long years, under a violent prison system that was meant to lead to their progressive physical, psychological and moral annihilation.

Even though the Fortress of Peniche was sieged on 25 April by an MFA military force from Leiria, the elements from the State Defence International Police (PIDE) only surrendered the following morning.

The gathering of people next to the Fortress, the action taken by the MFA forces and the decision of the prisoners that “either we all go or we don’t” led to the freedom of all prisoners on the dawn of the 27 April.



População concentrada junto à Fortaleza de Peniche aguardando a saída dos presos políticos a 26 de abril de 1974

Lúis Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche

Population gathered next to the Fortress of Peniche awaiting the release of prisoners on 26 April 1974

Lúis Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche



População concentrada junto à Fortaleza de Peniche aguardando a saída dos presos políticos a 26 de abril de 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche

Population gathered next to the Fortress of Peniche awaiting the release of prisoners on 26 April 1974
Luís Correia Peixoto
Museu Municipal de Peniche



Fortaleza de Peniche onde já são visíveis os novos pavilhões de alta segurança
Anos 50 do século XX
Câmara Municipal de Peniche

Fortress of Peniche showing the new high security pavilions
1950s
Câmara Municipal de Peniche

O Regime Fascista

A Ditadura suprimiu as liberdades fundamentais, proibiu os partidos políticos, os sindicatos livres e a greve, instalou a censura prévia a todas as formas de expressão, criou um partido único (União Nacional) e era servida por milícias fascistas militarizadas (a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa).

Através da organização corporativa, o regime instalou um sistema de exploração e opressão do mundo do trabalho que, a par de diversas formas de protecção e regulação, sustentava o poder dos grandes interesses económicos a que estava estruturalmente ligado.

The Fascist Regime

The Dictatorship suppressed fundamental rights, banned political parties, trade unions and strikes, imposed prior restraint to all forms of expression, created a sole party (União Nacional) and was served by militarised fascist militias (Mocidade Portuguesa and Legião Portuguesa).

Through a corporative organisation, the regime imposed a system meant to exploit and oppress the labour force that, apart from advocating different forms of protectionism and regulations, upheld the great economic powers supported by the regime.



A elite política do regime assiste a parada da Legião Portuguesa

António de Oliveira Salazar, Óscar Carmona, Pais de Sousa, Ortiz Bettencourt e Carneiro Pacheco
1938
Arquivo Nacional Torre do Tombo

The regime's political elite watches the Portuguese Legion Parade

António de Oliveira Salazar, Óscar Carmona, Pais de Sousa, Ortiz Bettencourt and Carneiro Pacheco
1938
Arquivo Nacional Torre do Tombo

O Sistema Policial e Repressivo

O regime fascista assentou numa dupla gestão da violência: preventiva e repressiva. A primeira tinha um caráter desmobilizador e intimidatório e criava uma atmosfera de medo numa sociedade vigiada por uma densa rede de informadores. A segunda tinha por base um sistema que englobava a polícia política criada em 1933, as forças policiais, os tribunais políticos especiais e uma rede de prisões políticas nas colónias e na metrópole, sujeitando os presos políticos a condições e castigos desumanos.

Os suspeitos de "atividades contra a segurança do Estado" eram arbitrariamente presos pela polícia política (PVDE, PIDE, DGS), sujeitos a torturas, presos frequentemente por tempo indeterminado (sem condenação judicial ou além das penas) e julgados por tribunais especiais que funcionavam como braços judiciais da polícia política. Mais de 30.000 presos pela PVDE/PIDE/DGS e pelo menos 160 antifascistas foram assassinados por ela e por outras forças repressivas.

The Police and the Repressive System

The fascist regime was based on two forms of violence: preventive and repressive. The first sought to demotivate and intimidate and created an atmosphere of fear in a society guarded by a dense network of informers. The second was based on a system comprising the political police, established in 1933, the police forces, special political courts and a network of political prisons in the colonies and in metropolitan Portugal that subjected political prisoners to inhuman conditions and punishments.

Those suspected of "activities against State security" were arbitrarily arrested by the political police (PVDE, PIDE, DGS), tortured, often held indefinitely (without court sentence or other penalties) and tried by special courts that functioned as the judicial arms of the political police. More than 30,000 people were imprisoned by the PVDE / PIDE / DGS and at least 160 antifascists were murdered by the political police and other forces of repression.

66

Mês de 11 de Outubro de 1937

POLÍCIA DE VIGILÂNCIA E DEFESA DO ESTADO

Secção de Presos

Boletim de existencia de presos

Angra do Heroismo	226
Peniche	185
Porto	349
Inspecções e postos	110
Aljube	80
LISBOA { Esquadras	147
Hospitalizados	28
Deportados {	
Simor 96	6
Guimaraes 6	66
Cabo Verde 40	148
Moçambique 11	8
153	
Total	190
	1543

Med. 202-3160-35

TORRE DO TOMBO

Boletim de existência de Presos
11.10.1937
Polícia de Vigilância
e Defesa do Estado
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Bulletin of the existence of prisoners
11.10.1937
State Surveillance
and Defence Police
Arquivo Nacional Torre do Tombo

N.º 1

Nome e alcunha Alfredo Caldeira

Estado _____ Profissão Pintor-decorador

Naturalidade Lisboa Data do Nascimento (25 anos)

Filiação Paulo Caldeira e Sara de Castro

Residência _____

Outras Indicações _____

Proc.º n.º 849, enviado ao Tribunal em 28-6-36
Proc.º n.º 390/36 enviado ao F. M. G. em 27-6-36.
Número do processo de valores ou documentos apreendidos _____

Faleceu

BIOGRAFIA PRISIONAL

Encontra-se em Angra do Heroísmo desde 22-11-33. Julgado em 20-8-34 e condenado em 690 dias de prisão correcional que descontados 295 dias, fica reduzido à 395 dias de prisão correcional e perda de direitos políticos por 5 anos. Enviado para os desígnios efémeros, o mandado de Solhuar of. n.º 8737/935-S de 7-XI-35. Em 8-XII-35 se apresentou nesta Direcção de regresso de Angra do Heroísmo, recolhendo à 1.ª brigada. Restituido à liberdade em 10-XII-35. Mesmo na mesma data pela S. P. S., recolhendo à 1.ª brigada. Transferido para a Fortaleza Militar de Peniche em 7-1-36. Transferido para a cadeia do Aljube em 21-4-36. Baixou a enfermaria provisória do Aljube em 23-4-36. "Requeriu para ser gmnistiado (em 10-6-36)". Embarcou para Cabo Verde em 17-10-36. Faleceu em 1-XII-38 na Colónia Genak do Farrafal - Cabo Verde (o.s. 338)

Sinais particulares

2



Altura 1,57

Cor Natural

Nacionalidade Portuguesa

Mod. 194

O Colonialismo e a Guerra colonial

O Estado Novo inaugurou uma nova fase “imperial” do colonialismo português. O Acto Colonial e o Estatuto do Indígena reforçaram a centralização administrativa e financeira, a discriminação racial, a exploração e o trabalho forçado imposto aos povos coloniais.

No pós II Guerra, com os ventos da descolonização, a revisão constitucional de 1951 declarou as colónias “províncias ultramarinas”. Foi o tempo da viragem económica para África, da colonização branca, do discurso luso-tropicalista sobre a dita exceccionalidade do colonialismo português e do reforço da repressão policial da ocupação militar.

A guerra colonial rebentou em Angola (1961), na Guiné (1963) e em Moçambique (1964), condicionando toda a política do regime, isolando-o internacionalmente e radicalizando a oposição. A guerra sem fim contra os movimentos de libertação nacional acelerou a crise final do regime. O movimento militar derrubou a ditadura a 25 de Abril de 1974, pondo fim à guerra e abrindo caminho às independências.

Colonialism and the colonial war

The Estado Novo (“New State”) ushered in a new “imperial” phase of Portuguese colonialism. The Colonial Act and the Estatuto do Indígena (“Native Statute”) enhanced the administrative and financial centralization, racial discrimination, exploitation and forced labour imposed on colonial peoples.

In the aftermath of World War II, with the winds of decolonization, the constitutional revision of 1951 declared the colonies “overseas provinces”. This was the time of the economic pivot to Africa, of white colonization, of the Luso-Tropicalist discourse on so-called Portuguese colonialist exceptionalism and the reinforcement of the police repression of the military occupation.

Colonial war broke out in Angola (1961), Guinea (1963) and Mozambique (1964), which constrained the regime’s policy, isolating it internationally and radicalizing the opposition. The endless war against the national liberation movements accelerated the regime’s final crisis. The military movement overthrew the dictatorship on 25 April 1974, thus ending the war and paving the way for independence.



Embarque de tropas portuguesas para a Guerra Colonial
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Portuguese Troops embarking to the Colonial War
Arquivo Nacional Torre do Tombo

A Clandestinidade

O regime fascista ilegalizou os partidos e reprimiu a oposição, obrigando organizações e ativistas à clandestinidade ou ao exílio. É neste quadro que o Partido Comunista Português se estruturou, ao longo dos anos 30 e 40, tornando-se então o principal alvo do aparelho repressivo.

Os militantes clandestinos cortavam todos os laços pessoais, adotavam rigorosas regras conspirativas, pseudónimos e identidades falsas, dedicando-se exclusivamente à atividade política, apoiada pelas casas do partido, tipografias e a imprensa, nomeadamente o *Avante!*, produzido e distribuído no interior do país de 1931 a 1974.

A partir da década de 60 surgiram novas organizações de esquerda, de extrema-esquerda e de luta armada com quadros, militantes e imprensa clandestina no interior do país. No exílio, as diversas forças da oposição denunciavam os crimes do regime, procuravam apoio político internacional, auxiliavam e organizavam emigrantes, refratários e desertores da guerra colonial e difundiam a sua mensagem através de emissões radiofónicas para Portugal.

Clandestinity

The fascist regime outlawed political parties and repressed the opposition, forcing organizations and activists into exile or clandestine activity. The Portuguese Communist Party was structured, during the 30s and 40s, thus becoming the main target of the repressive apparatus in this context.

The clandestine militants cut all personal ties, adopted strict conspiracy rules, pseudonyms and false identities and dedicated themselves exclusively to political activity, supported by party houses, printing houses and the press, namely journal *Avante!*, produced and distributed in the interior of the country from 1931 to 1974.

From the 1960s, new organizations emerged on the left, the extreme left and those dedicated to armed resistance with cadres, militants and the clandestine press inside the country. In exile, the various opposition forces denounced the regime's crimes, sought international political support, assisted and organized emigrants, rebels and deserters of the colonial war, and spread their message through radio broadcasts to Portugal.



As várias identidades de Margarida Tengarrinha na clandestinidade
Memórias de uma falsificadora
Margarida Tengarrinha
Edições Colibri
Lisboa, 2018

Different identities of Margarida Tengarrinha during her clandestine life
Memoirs of a forger
Margarida Tengarrinha
Edições Colibri
Lisboa, 2018

OPERÁRIOS E CAMPONESES!

Trabalhadores! Filhos e filhas do nosso Povo!

GREVE DE DOIS DIAS pelo Pão e pelos Gêneros!

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Companheiros de trabalho e de sofrimento! Irmãos, na fome e na miséria! Velhos companheiros das lutas camponesas de maio de 1943 e das greves operárias de julho-agosto!

A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.

Basta de pedir e de solicitar. Basta de sofrer. Basta de esperar que a morte pela fome nos venha bater à porta.

O governo fascista de Salazar não quis ouvir as classes trabalhadoras que reclamavam pão. O governo de Salazar continua a enviar os gêneros para a Alemanha. Os grandes exploradores instalados nos Grémios e outras organizações fascistas continuam a assambarcar, a especular, a roubar ao povo o alimento de que o povo necessita.

Viver assim não é viver. Quem não come não pode trabalhar.

Operários e camponeses! Trabalhadores de todas as profissões e religiões! Valentes mulheres do nosso povo! O momento chegou para nos unirmos, lutarmos, obrigando o governo a tomar imediatas providências para resolver a nossa situação. Que o povo se levante para a luta pelo pão. Que operários e operárias, camponeses e camponesas, todos os que trabalham e sofrem, façam ouvir a sua voz numa grande jornada de protesto. Que os dias 8 e 9 de maio, 2.ª e 3.ª feira, sejam os grandes dias da unidade de combate dos operários e camponeses, de todos os explorados e oprimidos, de todas as vítimas da fome e da miséria.

Que nos dias 8 e 9 de maio

PARE O TRABALHO NAS FÁBRICAS E EMPRESAS

PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Que, nos dias 8 e 9 de maio, o povo desça às ruas e tome conta das ruas. Que se juntem homens, mulheres e crianças.

EM GRANDES MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO

pelo Pão e pelos Gêneros

Heróicos trabalhadores da região de Lisboa! A greve! Na manhã do dia 8 apresentai as vossas reivindicações ao patronato, paralisai o trabalho, em seguida fazei manifestações de rua pelo pão e pelos gêneros. **Trabalhadores do campo!** Na manhã do dia 8 tocai os sinos a rebato, paraí o trabalho, juntai-vos todos, marchai sobre as vilas em grandes marchas da fome. **Operários das vilas e aldeias!** Paralisai o trabalho, uni-vos aos camponeses. **Mulheres do nosso povo!** Abandonai os vossos lares e juntai-vos aos vossos companheiros, aos vossos irmãos. Todos unidos, braço com braço, ombro com ombro.

Que as grandes manifestações e marchas da fome se dirijam ao governo, às autoridades, exigindo Pão e Gêneros. Desfraldaí bandeiras negras, as bandeiras da fome. Levai cartazes, onde griteis que tendes fome e quereis Pão.

Se, nos dias 8 e 9, o governo fascista não usar da violência para com os manifestantes e os grevistas.

voltai ao trabalho no dia 10, quarta-feira

Assim ter is mostrado a vossa força, a vossa união, a vossa disciplina, ao governo fascista e aos exploradores. E eles tomarão medo, estai certos, porque verão que o povo não se deixa matar à fome. Assim eles se sentirão na necessidade de resolver rapidamente a situação dos trabalhadores, de fornecer Pão e Gêneros. Se o não fizerem, se depois de retomardes o trabalho, o governo nada solucionar, **recomeçaremos a luta** e que o fascismo tremia. O Partido Comunista vos indicará o caminho, o caminho da vitória.

Mas, se nos dias 8 e 9, o governo de Salazar usar da violência para fazer calar o povo, se enviar contra vós as forças armadas, convidai os soldados a fazerem causa comum com o povo. gritai-lhes que sois os seus irmãos de classe e de sangue. Se o governo fascista prender os trabalhadores e exercer violência, com isso desencadeará a tempestade. O povo resistirá em massa. O Partido Comunista, no momento justo, vos indicará o caminho a seguir, vos indicará o caminho da vitória. O Partido Comunista formou um **Comité Dirigente da Greve que se encontra no seu posto para orientar e ajudar os trabalhadores.**

Nos dias 8 e 9 de maio, toda a nação portuguesa acompanhará a luta das massas populares.

Vós, soldados do Exército, da PSP, da GNR, vós, filhos do povo fardados, recusareis espionar e fiavelhar os vossos irmãos trabalhadores.

Vós, oficiais anti-fascistas e patriotas, recusareis dar ordens de violências sobre o povo.

Vós, pequenos lavradores, comerciantes e industriais, apoiareis as acções populares que se dirigem contra o vosso próprio inimigo: o governo fascista de Salazar.

VÓS, ANTI-FASCISTAS E PATRIOTAS. VÓS, PORTUGUESES HONRADOS, ap dareis por todas as formas as lutas das massas.

O povo português levanta-se contra o reinado salazarista de fome, terror e traíção.

Trabalhadores! Unidos até à vitória.



Maio de 1944
(1.ª tiragem)



À LUTA!

O Secretariado do Comité Central do
Partido Comunista Português

O Movimento Operário

A luta dos trabalhadores foi um dos esteios fundamentais da resistência antifascista. A ditadura suprimiu o direito à greve e a liberdade sindical, sujeitando o mundo do trabalho nas fábricas e nos campos a uma dura exploração, apoiada na permanente violência policial. Derrotada a greve geral de 18 de janeiro de 1934 contra a fascização dos sindicatos, o movimento operário organizou-se na clandestinidade dentro e fora dos Sindicatos Nacionais.

As greves operárias de 1941/44, as lutas dos assalariados rurais nos anos 40 e 50 e as greves políticas contra a farsa eleitoral de 1958 foram momentos dessa resistência. Na década de 60 assistiu-se a um novo ciclo de intensificação de lutas sociais, nomeadamente com a conquista do horário de oito horas nos campos.

A tomada de alguns sindicatos, a criação da Intersindical e a crise final do regime marcaram um novo momento de arranque do movimento operário e grevista, alargado ao setor dos serviços, cifrando-se em cerca de 100.000 o número de trabalhadores envolvidos nas várias ações de luta entre outubro de 1973 e abril de 1974.

The Workers' Movement

The workers' struggle was one of the fundamental mainstays of the anti-fascist resistance. The dictatorship suppressed the right to strike and freedom of association, subjecting the world of labour in factories and agriculture to harsh exploitation, supported by constant police violence. After the general strike of 18 January, 1934 against the fascization of the trade unions, the workers' movement was organized underground inside and outside the National Trade Unions.

Labour resistance was seen in the strikes of 1941/44, the struggles of rural wage labourers in the 1940s and 1950s and the political strikes against the electoral farce of 1958. In the 1960s there was a new cycle of intensified social struggles, with the conquest of the eight-hour working day in the agricultural sector.

The takeover of some unions, the creation of Intersindical (General Workers' Federation) and the final crisis of the regime ushered in a new beginning for the workers' and strikers' movement, which extended to the services sector, with about 100,000 workers involved in various actions between October 1973 and April 1974.



*Greve de trabalhadores da CP
Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses, 1969
Arquivo Nacional Torre do Tombo*

*Strike by the workers of CP
Portuguese Railway Company, 1969
Arquivo Nacional Torre do Tombo*

O Movimento Estudantil

O movimento estudantil destacou-se na resistência antifascista desde as greves de 1928 e 1931 contra a Ditadura Militar, passando pela participação no MUD Juvenil entre 1945 e os anos 50 e também pela mobilização das associações académicas contra a legislação que pretendia sujeitá-las à tutela do governo (1956).

A luta dos estudantes passou a ocupar um lugar de grande relevo na mobilização popular contra o regime e a guerra colonial com a greve académica de 1962, as jornadas do Dia do Estudante, a luta contra a repressão em 1965, as greves de Coimbra e a contestação em Lisboa em 1969.

A radicalização deste combate no início dos anos 70 colocou a universidade em permanente estado de sítio, com as associações sucessivamente encerradas e as escolas ocupadas pela polícia política, a polícia de choque e os "gorilas". Este processo influenciou marcadamente o alargamento e a diversificação ideológica e política da resistência ao regime nesse período.

The Student Movement

The student movement played a key role in the antifascist resistance in the strikes of 1928 and 1931 against the Military Dictatorship, participation in the MUD Juvenil between 1945 and the 1950s and in the mobilization of academic associations against legislation that sought to subject them to the guardianship of the government (1956).

The students' struggle occupied a prominent place in popular mobilization against the regime and the colonial war with the 1962 academic strike, the Day of the Student protests, the fight against repression in 1965, the Coimbra strikes and the Lisbon challenge in 1969.

The radicalization of this struggle in the early 1970s put the university in a permanent state of siege, with associations successively closed down and schools occupied by the political police, riot police and the "gorillas". This process had a major influence on the growth and ideological and political diversification of resistance to the regime in this period.



Manifestação em Coimbra durante a Crise Académica de 1969
Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

Protest in Coimbra during the Academic Crisis of 1969
Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

A Luta das Mulheres

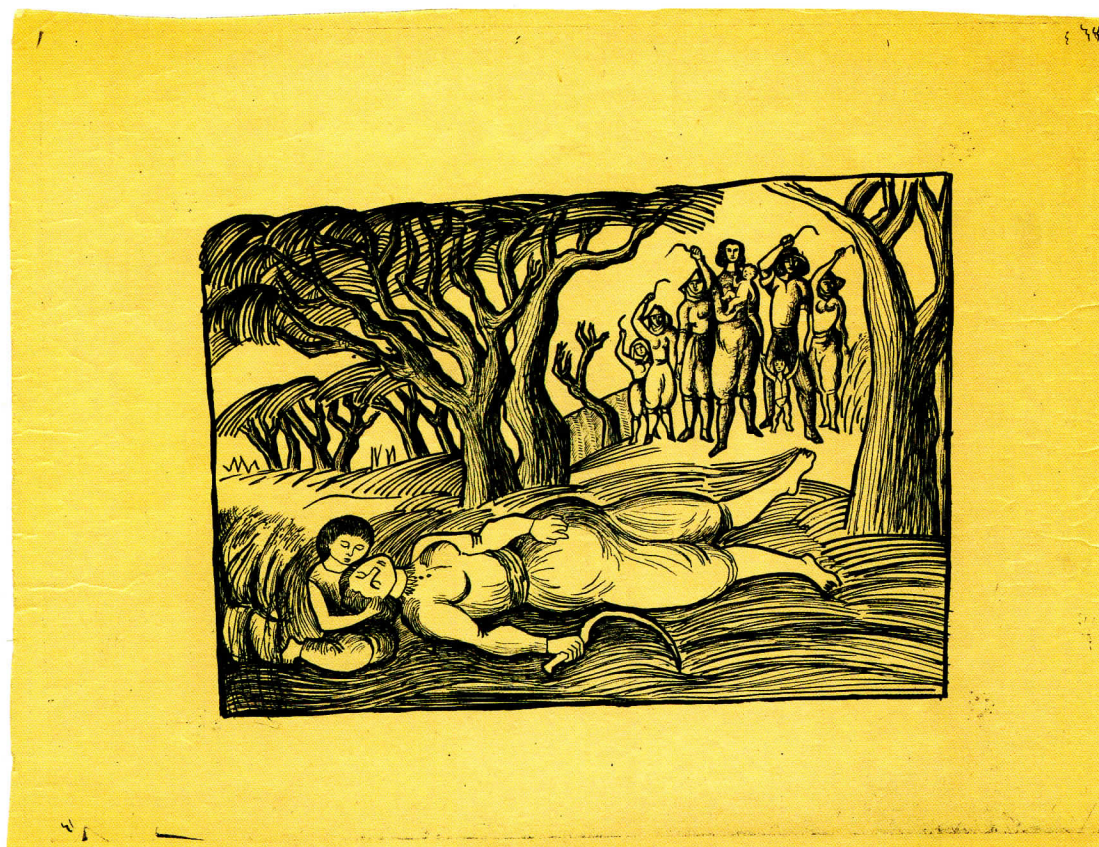
Pese embora a invisibilidade a que foram tantas vezes remetidas, as mulheres, entendidas na pluralidade das suas condições socioeconómicas, políticas e culturais, estiveram presentes na luta, na oposição e na resistência ao Estado Novo. Para tal travaram um duplo combate: por um lado, contra a idealização da mulher – a esposa, a filha, a mãe – preconizada pelo regime; por outro, no seio da oposição, procurando ser vistas como mais do que representantes do seu género, ou seja, como sujeitos políticos autónomos.

As mulheres participaram ao lado, e com os homens, nas lutas sociais, greves e manifestações, tendo sido o pilar da organização da clandestinidade. Foram presas, torturadas, assassinadas e estiveram no exílio. Apesar da existência de organizações de mulheres, aliás perseguidas e encerradas pelo Estado Novo, muitas das questões femininas e feministas foram subsumidas na luta maior contra o regime.

Women's Struggle

Despite their frequent invisibility, women, understood in the plurality of their socio-economic, political and cultural conditions, were active in the struggle, opposition and resistance to the Estado Novo. They were involved in a dual combat: on the one hand, against the regime's idealization of women as wives, daughters and mothers; but also, within the opposition, they fought to be seen as more than mere representatives of their gender, i.e. as autonomous political actors.

Women participated alongside and with men in social struggles, strikes and demonstrations and they were the pillars of the organization of clandestinity. They were arrested, tortured, murdered and sent into exile. Despite the existence of women's organizations, which were persecuted and closed down by the Estado Novo, many feminist and feminist issues were subsumed in the wider struggle against the regime.



Morte de Catarina Eufémia, [1954-1961]

José Dias Coelho

n.a., n.d.

Linogravura sobre papel

24,5 x 35,2 cm (mancha)

39,7 x 51,4 cm (suporte)

Coleção Museu do Neo-Realismo

Espólio artístico de José Dias Coelho

Nº inv. MNR 155-06

Death of Catarina Eufémia, [1954-1961]

José Dias Coelho

n.s., n.d.

Linoleum ink over paper

24,5 x 35,2 cm (spot)

39,7 x 51,4 cm (framework)

Collection of Neo-Realism Museum

José Dias Coelho Art Collection

Nº inv. MNR 155-06

A Unidade Antifascista

Desde o início da ditadura que as forças antifascistas procuraram um entendimento comum. Até 1945, com a Frente Popular Portuguesa (1936) e o MUNAF – Movimento de Unidade Antifascista (1943), tinham caráter clandestino.

No pós-guerra, o regime viu-se obrigado a tolerar o surgimento de candidaturas oposicionistas às eleições, sujeitas, contudo, a restrições censórias e perseguições policiais. Foi o tempo de grandes mobilizações populares unitárias: MUD – Movimento de Unidade Democrática (1945/46), as candidaturas à Presidência da República de Norton de Matos (1949), Arlindo Vicente e Humberto Delgado (1958).

Apesar da divisão das oposições no contexto de Guerra Fria, a unidade reencontrada em torno de Humberto Delgado prolongou-se nas campanhas eleitorais em 1961 e 1965. No início dos anos 60 surgiu um novo frentismo antifascista clandestino: as Juntas de Acção Patriótica e, no exterior, a FPLN (Frente Patriótica de Libertação Nacional).

O início do regime marcelista e a diversificação política e ideológica (socialistas, comunistas, católicos progressistas, maoístas, partidários da luta armada...) impediram a unidade das candidaturas oposicionistas em 1969. Em 1973, o Partido Socialista e o Partido Comunista Português, unidos no MDP (Movimento Democrático Português) apresentaram-se ao último simulacro eleitoral do regime.

The Antifascist Unity

From the beginning of the dictatorship antifascist forces sought to reach a common understanding. Until 1945, with the Portuguese Popular Front (1936) and the MUNAF – The Antifascist Unity Movement – (1943), their operations were clandestine.

In the post-war period, the regime was forced to tolerate the appearance of opposition candidates, subject, however, to censorship restrictions and police persecution. This was a time of great popular united front mobilizations: MUD – The Movement of Democratic Unity (1945/46), the candidacies for the Presidency of the Republic of Norton de Matos (1949), Arlindo Vicente and Humberto Delgado (1958).

Despite the divisions in the opposition in respect of the Cold War, unity was achieved in relation to Humberto Delgado and continued in the electoral campaigns of 1961 and 1965. In the early 1960s a new clandestine series of antifascist alliances emerged: the Patriotic Action Committees and, abroad, the FPLN (Patriotic Front for National Liberation).

The start of the Marcellist regime and political and ideological diversification (socialists, communists, progressive Catholics, Maoists, proponents of armed struggle, etc.) prevented the unity of opposition candidates in 1969. In 1973, the Socialist and Communist Parties (PS and PCP) united in the MDP (Portuguese Democratic Movement) to present themselves for the final electoral charade of the regime.



Participantes na II Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, em Praga, Checoslováquia

Da esquerda para a direita: Mário Ruivo; Pedro Soares; Manuel Sertório; Ruy Luís Gomes; Humberto Delgado, Piteira Santos, Álvaro Cunhal e Tito de Morais

1963

Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Participants at the II Conference of the Patriotic Front for National Freedom, in Prague, Czechoslovakia

From left to right: Mário Ruivo; Pedro Soares; Manuel Sertório; Ruy Luís Gomes; Humberto Delgado, Piteira Santos, Álvaro Cunhal and Tito de Morais

1963

Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A CIDADE DO PORTO RESPONDEU PRESENTE! Ao General HUMBERTO DELGADO



Um mar de gente inundou a Praça Carlos Alberto e exigiu a presença do General Humberto Delgado na varanda dos Serviços da sua Candidatura



Já algumas horas antes da chegada do «Foguete» muitos milhares de pessoas aguardavam, no largo fronteiro à Estação, a chegada do General Humberto Delgado

Como testemunha ocular neste homenagem católica a verdade contra a mentira do Diário da Manhã. Há 100 mil pessoas a aguardar a chegada do General Humberto Delgado.

MAIS DE 100.000 PESSOAS

VITORIARAM, NO PORTO,

O GENERAL

HUMBERTO DELGADO

AFIRMANDO A SUA FÉ NA DEMOCRACIA

E O SEU DESEJO DE LIBERDADE

*A cidade tem pessoas brilhantes!
Fala um pouco prisioneiro!*



Da varanda dos Serviços da Candidatura o General Humberto Delgado agradece, emocionado, as manifestações do Povo do Porto

A CIDADE DO PORTO

HONROU AS SUAS TRADIÇÕES DE BERÇO

DA LIBERDADE, VINDO, EM MASSA,

ACLAMAR «O HOMEM SEM MEDO»

O GENERAL

HUMBERTO DELGADO



Uma multidão imensa aplaude o General Humberto Delgado à sua passagem pela confluência das Ruas 31 de Janeiro e Sá da Bandeira



Rompendo a custo por entre a multidão que o aguardava, o carro do General Humberto Delgado deixa a Estação de S. Bento a caminho dos Serviços da sua Candidatura

A Voz do Desertor

JORNAL DOS DESERTORES E REFRACTÁRIOS PORTUGUESES

№ 5923

Editorial

Em frente pela organização dos desertores!

A VOZ DO DESERTOR pretende ser o órgão dos desertores, refractários e in-submissos portugueses. Fruto da iniciativa de um grupo de desertores, ele pretende contribuir para a organização das massas dos jovens que se recusam a fazer a guerra colonial num amplo movimento que defenda os seus interesses particulares, se integre na luta geral do povo português contra o fascismo e preste uma solidariedade activa aos povos das colónias em luta contra o jugo colonial português.

A VOZ DO DESERTOR é um jornal antifascista, anti-colonialista e anti-imperialista.

Dentro da luta contra o fascismo, A VOZ DO DESERTOR indica a necessidade da revolução popular como o único caminho que levará o povo português a uma transformação radical das suas condições de vida, e combate todos aqueles que procuram uma via de compromisso com o fascismo e a "liberalização" do regime de terror dos monopólios capitalistas.

Dentro da luta contra o colonialismo, A VOZ DO DESERTOR apela para uma solidariedade activa para com a

(Continua na pág.2)

O COLONIALISMO ASSASSINOU AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, foi assassinado por um comando da Pide no passado dia 20 de Janeiro, em Conakry, capital da República da Guiné. Com este crime bárbaro, cai a máscara demagógica de Marcelo Caetano e dos falsos amigos dos povos africanos que espalham ilusões sobre a "liberalização" do regime. O assassinio do heróico patriota africano é uma prova irrefutável de que, depois da morte do ditador Salazar, o seu discípulo e sucessor segue os seus métodos, servindo-se da sinistra Pide para eliminar os combatentes destacados que se opõem à sua política colonialista ao serviço do imperialismo internacional.

E já longa a lista de patriotas africanos que os fascistas-colonialistas portugueses assassinaram, caso de

Eduardo Mondlane, Presidente da FRELIMO. Contudo, não é com a morte dos dirigentes africanos que os colonialistas alguma vez conseguirão destruir a chama libertadora que alimenta os patriotas das colónias, que lutam contra a exploração e a opressão e pela independência.

O PAIGC foi formado, em 1956, em Bissau, por Amílcar Cabral. Desde o início, reivindicou a independência para a Guiné e Cabo Verde. A ilusão de que os colonialistas portugueses se submetiriam pelas vias pacíficas às aspirações dos nacionalistas desvaneceu-se rapidamente: as manifestações organizadas pelo PAIGC foram reprimidas violentamente. O massacre, perpetrado pelos colonialistas, dos estivadores em greve no porto de

(Continua na pág.6)



Amílcar Cabral, dirigente do P.A.I.G.C., cumprimentando Manuel Vaz e Fernando Fontes, dois desertores do exército português.



"O Colonialismo Assassinou Amílcar Cabral"

A Voz do Desertor
Fevereiro, 1973

Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

"Colonialism assassinated Amílcar Cabral"

A Voz do Desertor
February, 1973

Centro de Documentação 25 de Abril
Universidade de Coimbra

A luta contra o colonialismo e a guerra colonial

The struggle against colonialism and the colonial war

O peso da tradição colonialista do republicanismo na oposição ao regime fez com que só tardiamente o anticolonialismo fosse assumido como posição comum à luta antifascista.

O Partido Comunista Português reclamou em 1957 a independência imediata e completa dos povos das colónias e em 1961 assumiu isoladamente a condenação das guerras coloniais.

Com o eclodir da guerra, na década 60 e a diversificação ideológica e orgânica da oposição, com o aparecimento de organizações de extrema-esquerda, a esquerda católica, o ativismo estudantil, a oposição no exterior e na emigração, as organizações de luta armada, a ação dos movimentos de libertação nacional, o combate ao regime e a luta contra o colonialismo e a guerra tornaram-se indissociáveis.

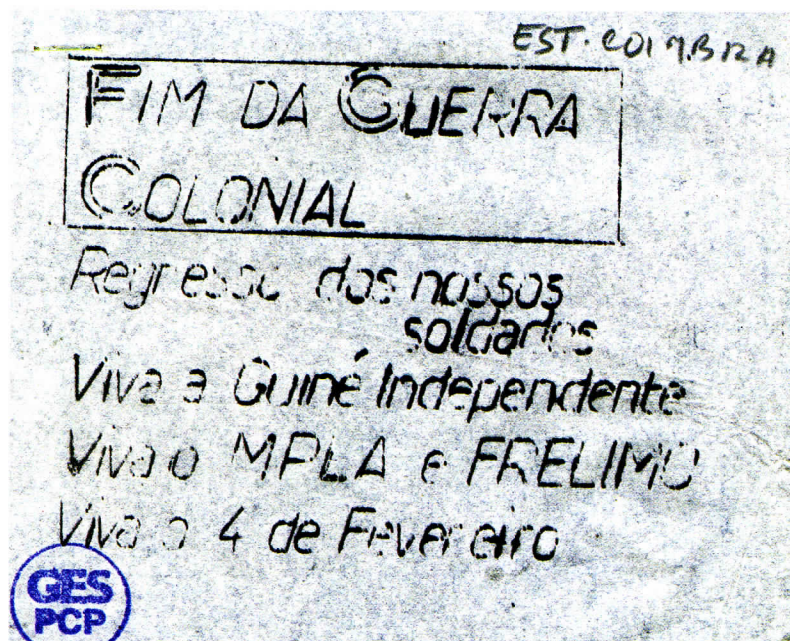
O anticolonialismo tornou-se determinante na crise final do regime e na ação das oposições, ecoando a cultura e dinâmicas dos anos 60 e 70, a solidariedade internacional com os movimentos anticoloniais e lutas anti-imperialistas, como a guerra do Vietname. Do cansaço da guerra e da impossibilidade de uma solução política nasceu a intervenção do Movimento das Forças Armadas que levaria ao derrube da ditadura.

The importance of the republican colonialist tradition in the opposition to the regime meant that anticolonialism was only belatedly adopted as a common position in the anti-fascist struggle.

In 1957, the Portuguese Communist Party demanded the immediate and complete independence of the peoples of the colonies and in 1961 it unilaterally condemned the colonial wars.

With the outbreak of war in the 1960s and the ideological and organizational diversification of the opposition, the emergence of far-left movements, the Catholic Left, student activism, the opposition abroad and in the Portuguese diaspora, armed struggle organizations, and the action of national liberation movements, the fight against the regime and the struggle against colonialism and the war became inseparable.

Anti-colonialism became decisive in the final crisis of the regime and in the action of the opposition, thus echoing the culture and dynamics of the 1960s and 1970s of international solidarity with anticolonial movements and anti-imperialist struggles such as the Vietnam War. War fatigue and the impossibility of a political solution led to the intervention of the Movement of the Armed Forces that would lead to the overthrow of the dictatorship.



Tarjeta contra a Guerra Colonial
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Slogan against the Colonial War
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

As conspirações militares e a resistência armada

A ditadura militar e o início do regime fascista defrontaram um primeiro ciclo de resistência insurreccional e de guerra civil intermitente protagonizada pelo reviralhismo republicano e pelas correntes anarquistas e comunistas do movimento operário.

Ao atentado a Salazar em 1937 e às conspirações militares no pós-guerra seguiu-se a prevalência na oposição de uma linha de solução pacífica para a questão do regime.

Com o logro eleitoral de 1958, o ascenso da luta popular, a eclosão da guerra colonial nos anos 60 e a falência das ilusões do marcellismo, a ação armada voltou a ser encarada como meio indispensável para derrubar a ditadura.

Nesse processo envolveram-se vários setores da oposição (comunistas, extrema-esquerda, socialistas, católicos progressistas, Liga de Unidade e Ação Revolucionária - LUAR), que desencadearam diversos tipos de ações. Entre 1970 e 1974, a Ação Revolucionária Armada (ARA) e as Brigadas Revolucionárias (BR) lançaram várias operações armadas contra o dispositivo político e militar do regime e da guerra colonial, que tiveram grande repercussão pública.

Military conspiracies and armed resistance

The military dictatorship and the start of the fascist regime faced a first cycle of insurgent resistance and intermittent civil war, led by republican reviralhismo (insurrectionism) and the anarchist and communist wings of the workers' movement.

The attempt to assassinate Salazar in 1937 and post-war military conspiracies were followed by the dominance of peaceful approaches to the regime in the opposition.

With the electoral fraud of 1958, the rise of the popular struggle, the outbreak of the colonial war in the 1960s and the collapse of the illusions of Marcellinism, armed action was once again seen as indispensable for overthrowing the dictatorship.

Several opposition sectors were involved in this process (communists, extreme left, socialists, progressive Catholics, LUAR), which unleashed various types of action. Between 1970 and 1974, the Armed Revolutionary Action (ARA) and the Revolutionary Brigades (BR) launched several armed operations against the political and military system of the regime and the colonial war, which had major public repercussions.



"Abaixo a guerra colonial, o imperialismo, o fascismo"
A.R.A. (Ação Revolucionária Armada)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

"Say no to colonial war, imperialism, fascism"
A.R.A. (Armed Revolutionary Action)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Intervenção no campo da Cultura

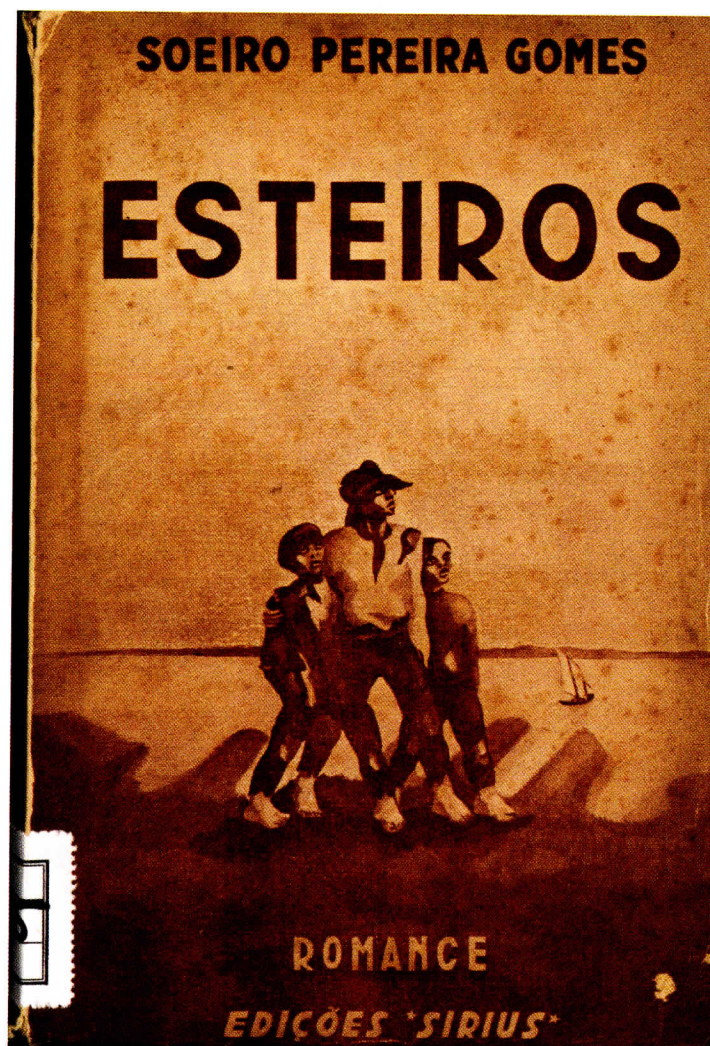
O campo da cultura, na sua aceção mais lata, incluindo coletividades, cooperativas e cineclubes, foi uma das importantes frentes de combate contra o Estado Novo. Intelectuais, artistas, homens e mulheres ligados às atividades culturais procuraram lutar contra as imposições obscurantistas da política do espírito e contra as restrições da censura, através de múltiplos meios, sendo de realçar o papel da música de intervenção.

A partir dos anos 30 – e, pelo menos, até finais da década de 50 – o neorealismo, defendendo uma postura engajada do artista na defesa do conteúdo em detrimento da forma, foi central (não sendo, contudo, o único movimento) nesta batalha. Na década de 60, no contexto da cultura de “massas” e sendo a juventude um agente significativo, assistiu-se a uma nova dinâmica de contestação cultural, que procurou novas tendências estéticas e artísticas.

Intervention in Culture

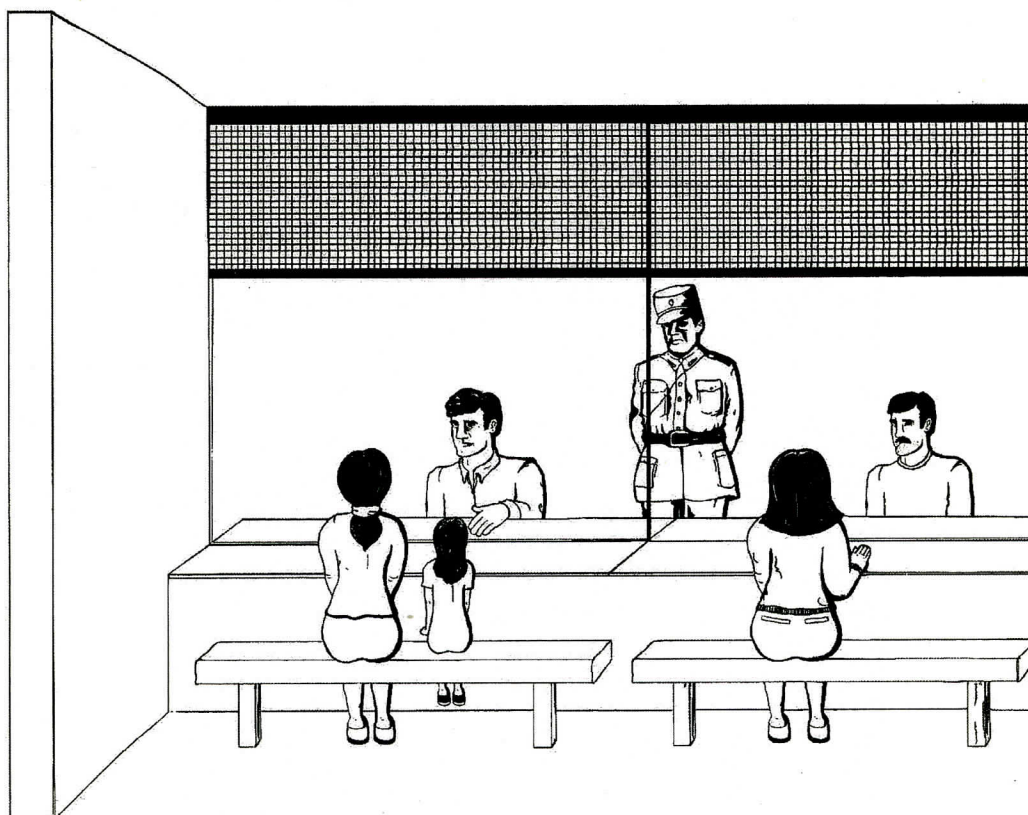
Culture, in its broadest sense, including associations, cooperatives and film clubs, was one of the important fronts in the struggle against the Estado Novo. Intellectuals, artists, men and women linked to cultural activities sought to fight against the obscurantist diktats of the politics of the spirit and against the restrictions of censorship, through a range of methods, with the role of music being of particular note.

From the 1930s – and at least until the late 1950s – neorealism, defending the engaged stance of artists in defending content over form, was central (though it was not the only movement) in this battle. In the 1960s, with mass culture and the advent of young people as significant agents, a new dynamic of cultural challenge arose, which sought out new aesthetic and artistic tendencies.



Esteiros
Soeiro Pereira Gomes
Romance
Edições "Sirius"
s.d.

Esteiros
Soeiro Pereira Gomes
Novel
Edições "Sirius"
n.d.



Desenho do antigo parlatório
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Drawing of the former Parlatory
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

O Parlatório era o espaço da Prisão Política onde os presos recebiam as visitas dos familiares e amigos. A visita decorria sob uma enorme tensão. A vigilância sobre presos e familiares era não só rigorosa, como intimidatória.

A configuração do espaço impedia qualquer contacto físico entre os presos e os seus familiares, sendo todos obrigados, pelos guardas, a falar muito alto, para que as conversas fossem ouvidas. Havia sempre um guarda em pé, atrás do preso, pronto para se intrometer nas conversas, que deviam limitar-se a assuntos familiares.

Quando um guarda interrompia a visita, o que sucedia com alguma frequência e arbitrariedade, significava que o preso ia ser castigado. A punição poderia ser a suspensão das visitas, a proibição de recreio ou o envio para o "Segredo" ou cela de castigo.

A direção da cadeia impunha sempre a suspensão das visitas quando os presos iniciavam processos de luta pela melhoria das condições prisionais.

O antigo parlatório foi demolido em 1968 e localizava-se no centro da Praça da Fortaleza. Presos e familiares sentavam-se em lados opostos de uma bancada corrida ao comprimento do pavilhão, separados por dois metros de largura. Sobre essa bancada com tampo de pedra mármore havia uma divisória de vidro espesso, com cerca de um metro de altura, prolongada até ao teto por uma rede estreita de aço.

The Parlatory was the space where political prisoners received visits from family and friends. The visit would take place under a great tension. Surveillance of prisoners and visitors was not only strict but also intimidating.

The spatial layout was intended to prevent any physical contact between prisoners and their relatives. Visitors were forced to speak very loudly so that their conversations could be heard by prison guards. There was always a guard behind the prisoner, ready to interfere in the conversation, that should be restricted to family matters.

Quite frequently and arbitrarily, the guard would interrupt the visit, which meant that the prisoner would be punished. Punishment could mean suspending visits, banning recreation or being taken to the "Segredo" (Secret) or punishment cell.

Whenever prisoners took actions to fight for improvement of living conditions, they saw their visits being banned by the prison authorities.

The former Parlatory, located in Fortress Square, was demolished in 1968. Prisoners and their relatives would sit on opposite sides of a bench seat running across the whole width of the pavilion, separated by two metres in length.

Over this marble topped bench there was a thick one-metre high glass division, that continued upwards towards the ceiling in a narrow steel net.

As Visitas

As visitas, único contacto dos presos com o mundo exterior, assumiam uma importância extraordinária, por trazerem conforto afetivo e alívio à solidão. Fortaleciam o ânimo para enfrentar o violento regime prisional e renovavam a esperança no dia da libertação, na certeza de que família e amigos estariam lá fora, à espera.

O diretor da cadeia concedia um cartão com fotografia aos familiares com direito a visita, exigindo-lhes previamente um documento de bom comportamento moral e cívico passado pela Junta de Freguesia. Esse cartão era obrigatoriamente entregue no postigo do portão da Fortaleza antes do início da visita, e devolvido quando esta terminava. Já no interior da cadeia, junto à entrada do Parlatório, deixavam-se os sacos contendo roupa e bens alimentares.

As viagens dos familiares dos presos, provenientes das várias regiões do país, eram bastante penosas e pareciam infundáveis.

De Lisboa, por exemplo, a camioneta levava quatro horas a chegar a Peniche, e o mesmo tempo a regressar. Ou seja, quem partisse da capital enfrentava oito horas de viagem para realizar uma visita de duas horas, que poderia até não ser autorizada.

Visits

Because visits provided the only contact between prisoners and the outside world, they were particularly important in bringing comfort and relieving loneliness. They strengthened the morale to face the violent prison system and renewed hope on the day of their release, when family and friends would be outside waiting.

Family relatives with permission to visit were entitled to a card with their photograph, issued by the prison director. In exchange they would need to previously present a document attesting their moral and civil good behaviour, issued by the parish council. Visitors were asked to show this card at the entrance gate before the visit and return it after the visit. Once they entered the prison, they were asked to leave bags containing clothes and food next to the Parlatory entrance.

Prisoners families travelling from different regions across the country faced very tiring and never-ending journeys.

From Lisbon, for example, a bus would take four hours to reach Peniche, and the same to time to return. In other words, a visitor from Lisbon would be travelling for eight hours in order to have a two-hour visit that might not even be authorised.

Cadeia do Forte de Peniche
VISITAS DE PRESOS

Cartão n.º **828**


O Menino **JOÃO ANTÓNIO SEQUEIRA VARELA GOMES**

está autorizado a visitar o recluso **João Maria Paulo Varela Gomes**

de quem é **filho**

PENICHE, 6 de Outubro de 1964

O Director,
Manoel Sebastião



Cartão de visitas de presos do menino
João António Sequeira Varela Gomes
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Visiting card of little boy
João António Sequeira Varela Gomes
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A Vigilância da PIDE

A vigilância da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) à Fortaleza e espaços circundantes era permanente e intimidatória. Passava pela elaboração de relatórios, com registo dos nomes de familiares, advogados e outras pessoas que visitavam os presos, as horas a que chegavam, as matrículas dos carros, as ruas que percorriam, as pessoas da vila que contactavam e onde pernoitavam.

Aqueles que cediam ou alugavam as suas casas a famílias de presos eram “convidados” a suspender esse apoio.

Surveillance by PIDE

The State Defence International Police (PIDE) kept the Fortress and its surroundings under permanent and intimidating surveillance. Their reports included the names of relatives, lawyers and other visitors, the times of arrival, number plates of their cars, the roads that led them to the Fortress, the people they contacted in town and where they spent the night.

Those who gave in or rented their houses to prisoners' relatives were “invited” to stop such support.



Antigo Posto da PIDE em Peniche

S.d.
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Former PIDE Office in Peniche

N.d.
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

As Colónias de Férias

As colónias de férias para filhos de presos políticos, realizadas em Vila Franca de Xira (1971), Caldas da Rainha (1972) e no Baleal, na chamada Casa dos Anjos (1973), tiveram um importante papel na vida das crianças. Eram organizadas pela Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP).

Durante as férias, os filhos dos presos iam à praia e visitavam os pais na prisão de Peniche, sempre sob a vigilância da PIDE. Acarinhadas pela população local, as crianças recebiam ofertas de leite, peixe, carne e legumes, em alguns casos entregues abertamente, outras vezes em volumes depositados na entrada da colónia durante a noite.

Summer camps

Summer camps for children of political prisoners, held in Vila Franca de Xira (1971), Caldas da Rainha (1972) and in Baleal, in the so-called Casa dos Anjos (1973), had an important role in children's lives. They were organised by the National Committee for Aid to Political Prisoners (CNSPP).

During their Summer holidays, prisoners' children were often taken to the beach and to visit their parents at the Peniche prison, always under surveillance of the PIDE. Cherished by the local community, these children were given milk, fish, meat and vegetables, sometimes openly, others in parcels deposited at the colony's entrance during the night.



Colónias de Férias para filhos de presos políticos
Organizadas pela Comissão Nacional
de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

*Summer camps for children of political prisoners
Organised by the National Committee
for Aid to Political Prisoners (CNSPP)
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português*

Casamentos

Nesta sala realizaram-se alguns casamentos. O regime não reconhecia as uniões de facto e por vezes nem os filhos dessas relações. Vários presos tiveram de casar na cadeia para poder receber visitas das companheiras. Estes casamentos eram meros atos formais, sob forte vigilância e sem direito a cerimónia, fotos, ou refeições em conjunto. No entanto, quando permitidas, não havia a menor privacidade.

“Havia uma mesa, ela estava de um lado e eu do outro, separados. Estava o meu sogro, estavam os meus padrinhos de um lado – o O’Neill e a Maria Amélia Padez – e estavam os meus cunhados do outro, que eram os padrinhos dela. O meu sogro começou a passear na sala e a dizer que não havia direito e, por fim, passaram-na para o meu lado. Lá estivemos até ao fim da refeição que o meu sogro tinha levado.”

(António Borges Coelho, in: *Jornal Público*, 16 de dezembro, 2018)

Marriages

A few marriages took place in this hall. The regime did not recognise non-marital cohabitation or the children from such relationships. Some prisoners were forced to marry in prison so that their wives could visit them.

Such marriages were restricted to formal acts under surveillance and with no right to a ceremony, photos, or meals together. Even when they were permitted, there was no privacy at all.

“There was a table, we were sitting on opposite sides, separated. My father in law and my godparents – O’Neill and Maria Amélia Padez – sat on one side while my brothers in law, who were also her Godparents, sat on the other side. My father in law started complaining and, as a result, she was allowed to sit by my side. And there we were till the end of the meal that my father in law had taken.”
(António Borges Coelho, in: *Jornal Público*, 16 December 2018)



Casamento de António Borges Coelho
com Isaura Borges Coelho
04.01.1959
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Marriage of António Borges Coelho
and Isaura Borges Coelho
04.01.1959
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Cravo Branco

Como está pronta a terra para a semente
assim estavas debaixo do meu braço:
os nossos corações estavam tão juntos
que não ficava entre eles o menor espaço.

Na botoeira do meu fato escuro
pregaste um cravo branco.
Não sabia que no teu peito
nasciam cravos de uma tal brancura.

Um funcionário cansado
leu em voz monótona os papéis.
Dissemos: - Sim!-
E cumpriram-se as leis.

O sol deitava bagos de arroz amarelo
ondas pequenas vinham rebentar
na muralha
como garotos endiabrados
a pedir rebuçados.

As gaivotas pelo céu piavam.
Voltei para a cela só olhando o mar:
a tua falta era um cravo branco cortado
no meu peito a sangrar.

António Borges Coelho
No Mar Oceano
Editorial Caminho
Coleção 'O Campo da Palavra'
Lisboa, 1981

White Carnation

Just as the soil is ready for seeds
so you stood under my arm:
our hearts were so close
that no space lay between them.

In the buttonhole of my dark suit
you placed a white carnation.
I did not know that your bosom
formed carnations of such whiteness.

A weary clerk
Read the papers tediously.
As we both said: - Yes!-
And the laws were observed.

The sun dropped yellow rice grains
and little waves crashed over the wall
like naughty little boys
begging for sweets.

Seagulls chirped in the sky.
As I returned to the cell looking at the sea:
your absence felt like a cut white carnation
bleeding in my bosom.

António Borges Coelho
No Mar Oceano
Editorial Caminho
Coleção 'O Campo da Palavra'
Lisboa, 1981

Peniche terra de Resistência

Na resistência ao fascismo e na luta pela conquista da Liberdade, houve um importante contributo dos pescadores, conserveiros e outros trabalhadores e forças da oposição democrática de Peniche.

Em novembro de 1952, mais de 200 mulheres e familiares de presos percorreram as ruas de Peniche manifestando-se contra a falta de alimentos na prisão. Numerosos habitantes, munidos de remos e outros objetos, juntaram-se à manifestação, exigindo melhor alimentação para os presos. O protesto culminou com a declaração do estado de sítio em Peniche, a prisão e interrogatório de cidadãos, o assalto e vandalização de uma casa de apoio às famílias e a detenção de três mulheres.

O movimento de oposição ao regime fascista teve aqui significativa expressão organizada, realizando importantes ações de esclarecimento e difusão da propaganda democrática e integrando a Comissão Nacional do 3.º Congresso da Oposição Democrática em 1973, em Aveiro.

Peniche land of Resistance

Noteworthy in the resistance against fascism and conquest of freedom was the contribution of fishermen, the canning industry and other workers and democratic opposition forces from Peniche.

In November 1952, over 200 prisoners' women and their families protested in the streets of Peniche against the lack of food in prison. Many inhabitants carrying oars and other objects joined the protest demanding better food for prisoners. The protest culminated in a declaration of a state of siege in Peniche, the arrest and interrogation of citizens, the assault and vandalism on a house supporting prisoners' families and the arrest of three women.

The democratic opposition movement had a particular role in organising awareness and democratic propaganda actions, including the 1973 National Committee of the 3rd Congress of Democratic Opposition in Aveiro.



As presas Palmira da Silva Roque,
Olinda Rodrigues e Virgínia de Moura
Presas em Novembro de 1952
Arquivo Nacional Torre do Tombo

The prisoners Palmira da Silva Roque,
Olinda Rodrigues and Virgínia de Moura
Arrested in November 1952
Arquivo Nacional Torre do Tombo

Peniche terra de Solidariedade

A solidariedade da população de Peniche para com os presos políticos e suas famílias traduzia-se em apoio moral, na cedência de habitação, na doação de bens alimentares assumida pelos comerciantes e no transporte gratuito de encomendas pelas empresas de camionagem.

Numa tentativa de dissuadir este espírito de solidariedade, o regime fascista exercia ameaças, pressões, interrogatórios, buscas e vandalismo a habitações.

Na luta pela Liberdade, muitos penichenses pagaram um elevado preço por participar ativamente na organização de manifestações e em ações de reivindicação social, como os exemplos que se seguem.

Alberto de Jesus Salsinha

Barbeiro, 29 anos. Preso em dezembro de 1936. Libertado em Dezembro de 1939. Esteve em Caxias e Peniche e cumpriu degredo numa colónia.

Álvaro dos Santos Martins

Guarda das Cadeias Cíveis Centrais de Lisboa, 33 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em novembro de 1956. Esteve na prisão de Caxias.

António Germano

Operário, 46 anos. Preso em julho de 1950 e libertado em fevereiro de 1951 (absolvido). Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

António Pereira Freire

Carpinteiro naval, 20 anos. Preso em maio de 1962 e libertado em junho de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

Carlos Leiria Júnior

Padeiro, 44 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

Ferrer Pereira de Sousa

Caldeireiro, 37 anos. Preso em julho de 1950 e libertado em outubro de 1950. Nova prisão em novembro de 1950 e libertado em fevereiro de 1951. Esteve na prisão de Caxias.

Guilherme Águeda da Copa

Marítimo, 30 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

Peniche land of Solidarity

The solidarity of the people of Peniche towards political prisoners and their families was shown by providing moral support, housing, donation of food by shopkeepers and free transport of parcels by transport companies.

In order to deter this spirit of solidarity, the fascist regime would encourage threats, pressure, interrogation, house searches and vandalism.

In their fight for Freedom, many Peniche citizens paid a high cost for actively participating in the organisation of protests and other social claims, as can be seen in the following examples.

Alberto de Jesus Salsinha

Barber, aged 29. Detained in 1936. Released in December 1939. Held in Caxias and Peniche, he was sent to exile in a colony.

Álvaro dos Santos Martins

Guard from the Lisbon Central Civil Jails, aged 33. Held in January 1954 and released in November 1956. Served in Caxias.

António Germano

Labourer, aged 46. Went to prison in July 1950 and was released in February 1951 (acquitted). Went back to jail in May 1961 and was freed in June 1961. Served in Caxias.

António Pereira Freire

Ship carpenter, aged 20. Held in May 1962 and freed in June 1962. Served in Caxias.

Carlos Leiria Júnior

Baker, aged 44. Held in May 1961 and released in 1961. Served in Caxias.

Ferrer Pereira de Sousa

Boilermaker, aged 37. Arrested in July 1950 and released in October 1950. Rearrested in November 1950 and released in February 1951. Served in Caxias.

Guilherme Águeda da Copa

Sailor, aged 30. Detained in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias.

João Francisco da Graça

Barber, age 48. Arrested in May 1961 and freed in June 1961.

João Francisco da Graça

Barbeiro, 48 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em junho de 1961.

João Nunes dos Santos

Empregado de escritório-gerente comercial, 38 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937. Nova prisão em maio de 1946 e libertado em agosto de 1946.

João Paulino de Sousa

Empregado no comércio, 34 anos. Preso em julho de 1940 e libertado em janeiro de 1946. Esteve na prisão de Caxias e no Tarrafal.

João Pedrosa das Neves

Carpinteiro Naval, 32 anos. Preso em maio de 1962 e libertado em junho de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

José da Costa

Padeiro-comerciante, 24 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em dezembro de 1938. Nova prisão em janeiro de 1954 e libertado em janeiro de 1955. Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Peniche e Caxias.

José do Carmo Figueiredo

49 Anos. Preso em julho de 1950 e libertado em fevereiro de 1951. Nova prisão em maio de 1961 e libertado em junho de 1961. Esteve na prisão de Caxias.

José Henrique Sales

Marítimo, 34 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias (1 dia).

Maria Júlia dos Santos

Empregada comercial, 34 anos. Presa em agosto de 1971 e libertada em maio de 1972. Esteve na prisão de Caxias.

Mariano Fernando Rasteiro Calado Mateus

Empregado bancário, 30 anos. Preso em maio de 1959 e libertado em junho de 1959. Esteve na prisão de Caxias.

Miguel Lino Franco

Empregado municipal, 35 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em fevereiro e 1954. Esteve na prisão de Caxias.

Paulino Patrício

Comerciante, 52 anos. Preso em maio de 1961 e libertado em maio de 1961. Esteve na prisão de Caxias (1 dia).

João Nunes dos Santos

Office worker-sales manager, aged 38. Arrested in December 1936 and released in January 1937. Rearrested in May 1946 and freed in August 1946.

João Paulino de Sousa

Shop employee, aged 34. Held in July 1940 and released in January 1946. Served in Caxias and Tarrafal.

João Pedrosa das Neves

Ship Carpenter, aged 32. Arrested in May 1962 and released in June 1962. Served in Caxias.

José da Costa

Baker-shopkeeper, aged 24. Arrested in December 1936 and free in December 1938. Rearrested in January 1954 and released in January 1955. Rearrested in May 1961 and released in June 1961. Served in Peniche and Caxias.

José do Carmo Figueiredo

Aged 49. Arrested in July 1950 and released in February 1951. Rearrested in May 1961 and released in June 1961. Served in Caxias.

José Henrique Sales

Sailor, aged 34. Held in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias (1 day).

Maria Júlia dos Santos

Shop employee, aged 34. Arrested in August 1971 and released in May 1972. Served in Caxias.

Mariano Fernando Rasteiro Calado Mateus

Bank employee, aged 30. Detained in May 1959 and released in June 1959. Served in Caxias.

Miguel Lino Franco

Municipal employee, aged 35. Arrested in January 1954 and released in February 1954. Served in Caxias.

Paulino Patrício

Shopkeeper, aged 52. Held in May 1961 and released in May 1961. Served in Caxias (1 day).

Saúl Gonçalves

Street vendor, aged 20. Arrested in December 1936 and released in January 1946. Served in Peniche, Caxias e Tarrafal.

Saúl Gonçalves

Vendedor ambulante, 20 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1946. Esteve nas prisões de Peniche, Caxias e Tarrafal.

Saúl Gonçalves "Sobrinho"

Padeiro, 20 anos. Preso em novembro de 1938 e libertado em julho de 1939. Nova prisão em janeiro de 1954 e libertado em janeiro de 1955. Nova prisão em maio de 1962 e libertado em maio de 1962. Esteve na prisão de Caxias.

Silvino dos Santos

Comerciante, 37 anos. Preso em janeiro de 1954 e libertado em março de 1954.

Antero Pereira Teixeira

Alfaiate, 25 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

António Evaristo de Miranda

Comerciante, 49 anos. Preso em 1935 na esquadra da PSP de Peniche.

Estefânio de Sousa

Marceneiro, 33 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

Joaquim José Valente

Ex-Sargento do exército, 27 anos. Preso em dezembro de 1936 e libertado em janeiro de 1937.

Júlio Lourdes Bicho

Agente comercial, 36 anos. Preso em janeiro de 1954.

Octávio Sérgio Boaventura

Pintor. Preso em 1935, 1936 e 1937 na Sede da PIDE no Porto.

Saúl Gonçalves "Sobrinho"

Baker, aged 20. Arrested in November 1938 and released in July 1939. Rearrested in January 1954 and released in January 1955. Rearrested in May 1962 and released in May 1962. Served in Caxias.

Silvino dos Santos

Shopkeeper, aged 37. Held in January 1954 and released in March 1954.

Antero Pereira Teixeira

Taylor, aged 25. Arrested in December 1936 and released in January 1937.

António Evaristo de Miranda

Shopkeeper, aged 49. Arrested in 1935 in the Peniche Police.

Estefânio de Sousa

Carpenter, aged 33. Arrested in December 1936 and released in February 1937.

Joaquim José Valente

Former Army sergeant, aged 27. Arrested in December 1936 and released in January 1937.

Júlio Lourdes Bicho

Trade agent, aged 36. Arrested in January 1954.

Octávio Sérgio Boaventura

Painter. Arrested in 1935, 1936 and 1937 in Porto's PIDE Headquarters.

FORTIM REDONDO

ROUND FORT

O Fortim Redondo é a gênese do sistema defensivo de Peniche. Foi construído entre 1557 e 1558, por ordem de D. João III, com o propósito de proteger o reino de ataques inimigos.

Durante o regime fascista o Fortim foi utilizado como cela disciplinar, e entre os presos políticos ficou conhecido como “Segredo”.

The Round Fort was the genesis of the Peniche defensive system. It was commissioned by King D. João III between 1557 and 1558 for protecting the reign from enemy attacks.

Because it was used as a disciplinary cell during the fascist regime, the Round Fort became known as “Segredo” (Secret) among political prisoners.



Fortim Redondo e “Segredo”
Direção Geral do Património Cultural
2019

Round Fort and “Segredo” (Secret)
Directorate General of Cultural Heritage
2019

As Fugas

As mais de 20 fugas realizadas a partir do interior das prisões políticas são importantes vitórias da resistência e derrotas para o regime.

Para ser bem-sucedidas, estas evasões exigiam aos presos um apurado trabalho de organização, a par de muita coragem para vencer o forte aparelho de segurança prisional.

No conjunto das fugas da Prisão de Peniche realizadas com êxito, destacam-se a de António Dias Lourenço e a protagonizada por Álvaro Cunhal e outros nove companheiros. Ambas se caracterizam pela complexidade dos problemas que foi necessário resolver, pelos perigos enfrentados e pelo seu impacto político.

1936 - Fuga bem-sucedida pelos militares Francisco Horta Catarino, José Filipe Piçarra e José Santos Rocha, através de uma das furnas.

1938 - Fuga do "Segredo" de Artílio Baptista, Augusto Valdez e Veríssimo Sim-Sim, capturados ao tentar sair de Peniche.

1938 - Fuga concretizada por Álvaro Marques Saraiva e António Branco.

1946 - Fuga realizada com sucesso por Luís Joaquim Portela e mais quatro presos.

1950 - Fuga da Caserna 5 de Jaime Serra e Francisco Miguel, pela muralha do lado da praia. Só o primeiro foi bem-sucedido.

1953/1954 - Duas tentativas de fuga coletiva através de túnel. A primeira da Caserna 5 por Afonso, Gabriel, Lobão Vital e Joaquim Campino. A segunda da Caserna 4 por Agostinho Saboga, Alcino Sousa, António Dias Lourenço, Carlos Pinhão, Chico "Caniço", Fernando Vicente, Guilherme de Carvalho, João Faria Borda, Joaquim Campino, José Alexandre, José Magro, José Maria do Rosário e Severiano Falcão.

1954 - Fuga do "Segredo" de António Dias Lourenço, que saltou diretamente para o mar.

1960 - Fuga coletiva de Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares e Rogério de Carvalho, da ala de alta segurança do Bloco C.

The Escapes

Over 20 escapes from political prisons were important victories for resistance movements and defeats for the regime.

In order to be successful, these escapes required great organisation skills and a lot of courage from prisoners so as to defeat the strong prison system apparatus.

Noteworthy among successful prisoner escapes from Peniche Prison are those by António Dias Lourenço as well as Álvaro Cunhal and his nine companions. Both involved very complex problems that had to be overcome, dangers that had to be faced and both had a strong political impact.

1936 - Successful escapes by servicemen Francisco Horta Catarino, José Filipe Piçarra and José Santos Rocha through one of the caves.

1938 - Escape from the "Segredo" by Artílio Baptista, Augusto Valdez and Veríssimo Sim-Sim, captured when attempting to leave Peniche.

1938 - Successful escape by Álvaro Marques Saraiva and António Branco.

1946 - Successful escape by Luís Joaquim Portela and other four prisoners.

1950 - Escape from Barrack 5 by Jaime Serra and Francisco Miguel through the beachside wall. Only the first was successful.

1953/1954 - Two attempted collective escapes through a tunnel. The first was from Barrack 5 by Afonso, Gabriel, Lobão Vital and Joaquim Campino. The second was from Barrack 4 by Agostinho Saboga, Alcino Sousa, António Dias Lourenço, Carlos Pinhão, Chico "Caniço", Fernando Vicente, Guilherme de Carvalho, João Faria Borda, Joaquim Campino, José Alexandre, José Magro, José Maria do Rosário and Severiano Falcão.

1954 - Escape from the "Segredo" by António Dias Lourenço, who jumped directly into the sea.

1960 - Collective escape by Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares and Rogério de Carvalho, from the high security wing of Block C.

A Fuga de António Dias Lourenço

A fuga do "Segredo" concretizada por António Dias Lourenço quando se encontrava de castigo na cela de isolamento do Fortim Redondo ocorreu a 17 de dezembro de 1958. Durante dias, com a ajuda de uma faca, removeu madeira da porta da cela e executou uma corda a partir de uma manta desfiada, que usou para se lançar no mar.

Chegado a terra firme, junto à Lota, Dias Lourenço foi ajudado por pescadores que o transportaram escondido numa camioneta de peixe até ao Bombarral. Aí encontrou apoio.

The escape by António Dias Lourenço

The escape by António Dias Lourenço from the "Segredo", the isolation cell of the Round Fort, took place on 17 December 1958. He purposely forced punishment so as to be kept in the "Segredo". For days, and with the help of a knife, he removed the timber from the cell door and made himself a rope out of a shredded blanket, that he used to jump to the sea.

Once he reached the shore, next to the fish auction sale, Dias Lourenço was aided by fishermen who carried him covertly in a fish van to Bombarral. He found help from there.



Desenhos da Fuga do 'Segredo'
de Dias Lourenço
Pormenores
António Dias Lourenço
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Drawings of the escape of Dias Lourenço
from the "Segredo"
Details
António Dias Lourenço
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

A Fuga Coletiva de 1960

A fuga coletiva de Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares e Rogério de Carvalho, a 3 de janeiro de 1960, exigiu uma longa preparação e uma eficaz coordenação entre os presos e os seus apoios no exterior.

A execução do plano, que comportava um longo trajeto das celas até às muralhas do lado terra, só foi possível com a colaboração de José Alves, Cabo da GNR. Para o sucesso desta fuga contribuiu também a solidariedade de alguns cidadãos de Peniche que assistiram, em silêncio, à movimentação dos presos.

The collective escape of 1960

The collective escape of Álvaro Cunhal, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme da Costa Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, José Carlos, Pedro Soares and Rogério de Carvalho on 3 January 1960 was the result of a long-term planning and efficient coordination action taken by prisoners and their outside supporters.

Implementation of this plan, involving a long route from the cells to the coastline walls, was only made possible with the help from José Alves, police corporal. Noteworthy was also the solidarity of some citizens of Peniche who watched the prisoner's movements in silence.



Fuga coletiva de Peniche, 1960
Gravura
Margarida Tengarrinha
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

Collective escape from Peniche, 1960
Engraving
Margarida Tengarrinha
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português

CAPELA DE SANTA BÁRBARA

SANTA BÁRBARA CHAPEL

A situação estratégica de Peniche e a Fortaleza

O papel estratégico de Peniche na defesa da costa e do Reino vem da 1ª metade do século XVI, decorrente das transformações do litoral da Estremadura nos finais da Idade Média.

O abaixamento do nível do mar e o assoreamento do estuário do rio de São Domingos acelerou a formação da península de Peniche, comprometendo o acesso ao porto da Atouguia. Peniche vai tornar-se o porto principal e em 1609 recebe o título de vila e de sede concelhia.

Os trabalhos defensivos de 1557 privilegiaram as populações piscatórias e os acessos por terra, culminando com a construção da Fortaleza em 1572.

Após a Restauração da Independência, em 1640, o dispositivo militar de Peniche é reforçado. A Fortaleza é considerada a “principal chave do Reino pela parte do mar” e pólo de um sistema defensivo da Pederneira a Lisboa, erguido entre 1642 e 1671.

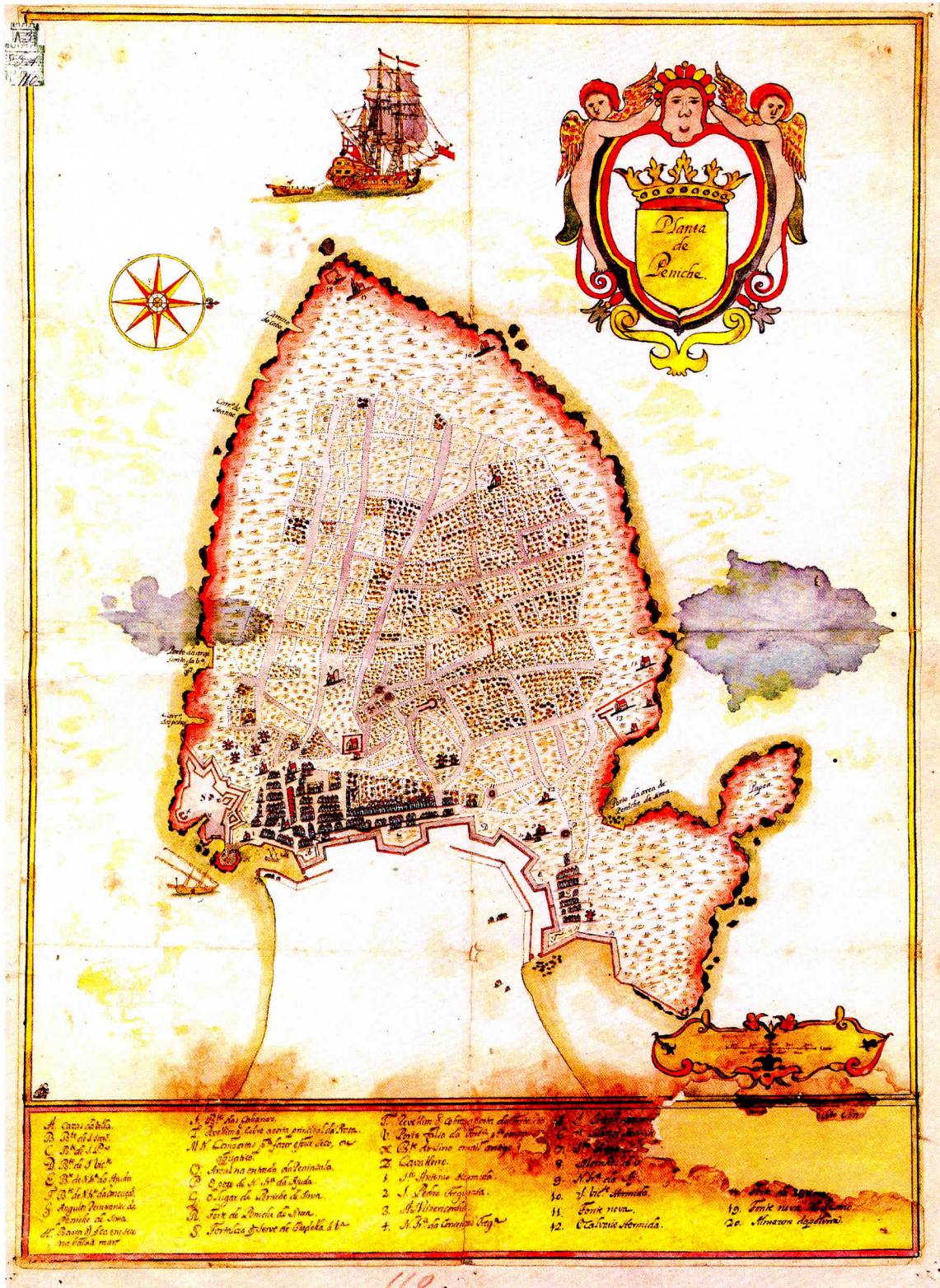
The strategic position of Peniche and its Fortress

The strategic role of Peniche in defending the coastline and the Kingdom dates from the first half of the 16th century as a result of transformations that occurred on the coastline of Estremadura at the end of the middle ages.

The sea-level drawdown and the silting-up of the São Domingos river estuary accelerated the formation of the Peniche peninsula, thereby impairing access to the port of Atouguia. As a result, Peniche became the main port and in 1609 it was elevated to the title of vila and seat of the municipality.

The defensive works implemented in 1557 prioritised fishing communities and access by land culminating in the construction of the Fortress in 1572.

After Restoration of the Independence in 1640, the military defence mechanism of Peniche was strengthened. The Fortress becomes the “main key to the Kingdom from the seaside” as well as the cluster of a defensive system built from Pederneira to Lisbon between 1642 and 1671.



Planta da Vila de Peniche
Século XVIII
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Plan of Peniche
18th century
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Peniche praça de guerra

A configuração de Peniche como praça de guerra repercutiu-se na organização do território. Um mapa de Peniche, de 1634, mostra uma maior concentração habitacional na proximidade da Fortaleza.

Com um efetivo militar extenso constituído por uma companhia de ordenanças, que daria origem ao Regimento de Infantaria de Peniche, a Fortaleza dispõe de um complexo de instalações como a residência do governador, a capela de Santa Bárbara, o aquartelamento de oficiais e soldados, cavaliarias e casamatas.

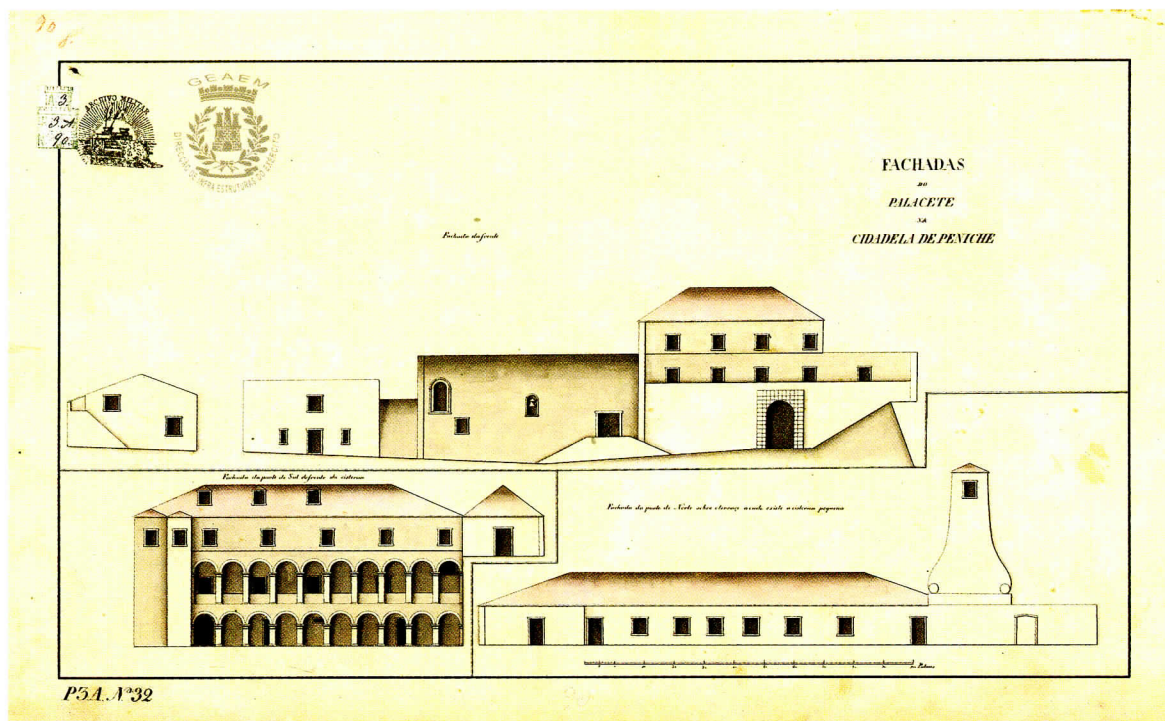
Para além da função militar, a Fortaleza socorria as populações. A sua cisterna disponibilizou água à população da vila em períodos de maior carência e, em 1786, acolheu naufragos do navio espanhol San Pedro de Alcântara, que embatera contra as rochas da Papoa na costa norte provocando a morte de 128 pessoas, incluindo a maioria dos prisioneiros incas capturados no Perú.

Peniche as a war Fortress

The layout of Peniche as a war fortress was reflected on its spatial planning. A 1634 map of Peniche showed a larger house concentration next to the Fortress.

With an extensive military force that would be at the origin of the Peniche Infantry Regiment, the Fortress includes a number of structures such as the governor's residence, the chapel of Santa Bárbara, barracks for officers and soldiers, stables and casemates.

As well as having a military function, the Fortress also rescued people. Its cistern provided water to the village in times of greater shortage. In 1786 it rescued survivors from the shipwreck of the Spanish ship San Pedro de Alcântara that struck against the rocks of Papoa on the north coast resulting in 128 casualties, including most Inca prisoners captured in Peru.



Fachadas do Palacete na Cidadela de Peniche
Séc. XIX
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Facades of the Palace in the Peniche Citadel
19th century
Divisão de Infraestruturas do Exército
Arquivo Histórico Militar

Primeira metade do século XIX

First half of the 19th century

A Fortaleza de Peniche não foi imune às convulsões político-militares que assolaram o País na primeira metade do século XIX, das invasões francesas às guerras liberais.

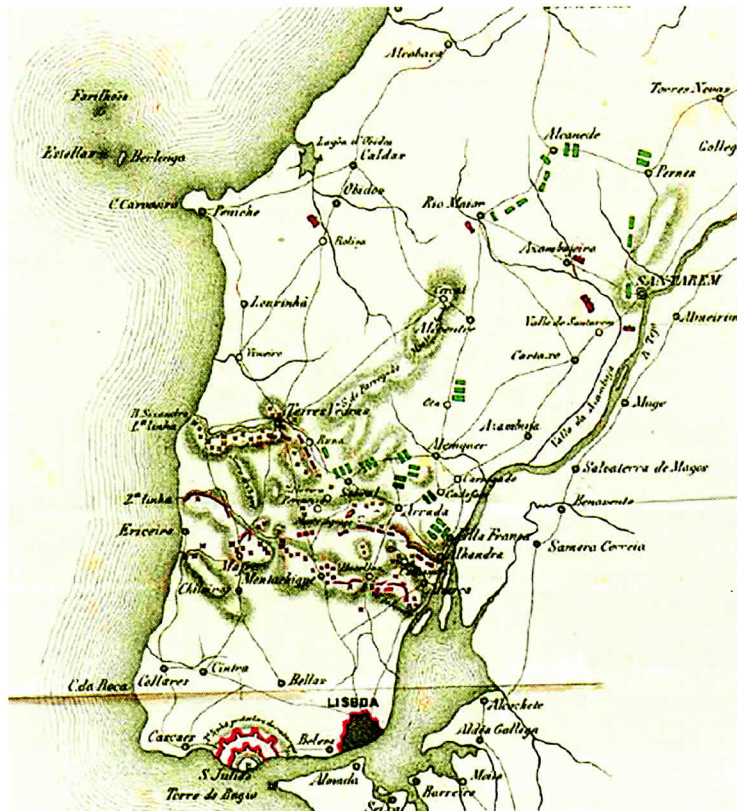
The Fortress of Peniche was not immune to the political and military convulsions that hit Portugal in the first half of the 19th century, such as the French invasions and the liberal wars.

A Fortaleza mudou de mãos por diversas vezes e as forças dominantes em cada época convertiam as instalações em presídio para os seus adversários.

The Fortress changed hands frequently and the dominant forces would at each time convert the premises into prisons for their adversaries.

As estruturas físicas do sistema de defesa de Peniche sofreram os impactos destas vagas de confrontos. Uma explosão no paiol em 1837, ocasionou a destruição do Palácio do Governador e foram necessárias décadas para reconstruir e repor o funcionamento do dispositivo militar das fortificações da península e região.

The physical structure of the Peniche defensive system suffered the impacts of these confrontations. A magazine explosion in 1837 destroyed the Governor's Palace. It took a few decades to restore the operation of the fortified system in the peninsula and in the whole region.



Mapa das Linhas de Torres Vedras e sua ligação com Lisboa nos anos de 1810 e 1811
História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal
Luz Soriano
Imprensa Nacional
Lisboa, 1874

Map of the Lines of Torres Vedras and their connection with Lisbon in the years 1810 and 1811
History of Civil War and the establishment of the parliamentary government in Portugal
Luz Soriano
Imprensa Nacional
Lisboa, 1874

Envolvimento internacional

O declínio das funções militares da Fortaleza levou à sua utilização para alojamento temporário de refugiados, militares ou civis, ou prisioneiros de guerra.

Em 1868 é instalado na Fortaleza um Depósito de Emigrados Espanhóis, constituído por militares implicados no fracassado golpe militar liberal.

Em 1894-1895, a Fortaleza acolhe um Depósito de Emigrados Brasileiros, refugiados monárquicos da Revolta da Armada, desencadeada no Rio de Janeiro contra o governo republicano.

A 2ª Guerra Anglo-Boer, opondo o exército inglês aos colonos de ascendência holandesa e alemã, trouxe a Portugal várias centenas de refugiados. O Internato Boer em Peniche acolheu entre 260 e 280 pessoas, a maioria dos quais residiu na Fortaleza, entre 1901 e 1902.

Entre 1917 e 1919, no âmbito da participação portuguesa na Grande Guerra, estiveram detidos no Depósito de Concentrados de Peniche 180 súbditos alemães e austríacos, a maioria tripulantes de navios daquelas nacionalidades apresados pelas autoridades portuguesas.

International involvement

A decline of the Fortress's military functions led to its use as a temporary reception centre for refugees, military or civil populations, or war prisoners.

In 1868 the Fortress housed a Depot of Spanish Emigrants, a military force that was involved in the failed liberal military coup.

In 1894-1895, the Fortress housed a Depot of Brazilian Emigrants, pro-monarch refugees from the Army Uprising against the republican government that took place in Rio de Janeiro.

The Second Anglo-Boer war, opposing the British army and Danish and German descent settlers, brought hundreds of refugees to Portugal. The Boer Internees Peniche accommodated between 260 and 280 people, most of which remained in the fortress between 1901 and 1902.

Between 1917 and 1919, during Portugal's involvement in the First World War, 180 German and Austrian subjects were detained in the Peniche Internment Camp, most of which were crew members of ships from those nationalities that were arrested by the Portuguese authorities.



Grupo de Bóeres na Fortaleza de Peniche, 1901-1902

Africanamuseum, Joanesburgo, África do Sul
Viva os Bóeres! Boeregeinterneerdes in Portugal
Tydens die Anglo - Boereoorlog, 1899-1902

O. J. O. Ferreira
Joanesburgo, 1994

Group of Boers at the Peniche Fortress, 1901-1902

Africanamuseum, Johannesburg, South Africa
Viva os Bóeres! Boeregeinterneerdes in Portugal
Tydens die Anglo - Boereoorlog, 1899-1902

O. J. O. Ferreira
Johannesburg, 1994

Prisão política

Na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, a Fortaleza e Peniche continuaram a receber presos de natureza política e pessoas com residência controlada.

Em 1934 o regime fascista instituiu o Depósito de Presos de Peniche, sob gestão da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado). Alojados nas antigas edificações da Fortaleza, aos prisioneiros cabia a gestão do quotidiano pessoal – limpeza das casernas, lavagem de roupa e confeção das refeições –, sempre vigiados de perto por um corpo da Guarda Nacional Republicana.

Em 1945, a tutela da prisão passou para a alçada do Ministério da Justiça, mantendo-se os meios de controlo nas mãos da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado).

Em 1953 foram iniciadas obras para um novo estabelecimento prisional, inspirado no modelo americano das prisões de alta segurança, que implicou a demolição de parte significativa dos antigos edifícios, surgindo a Cadeia do Forte de Peniche.

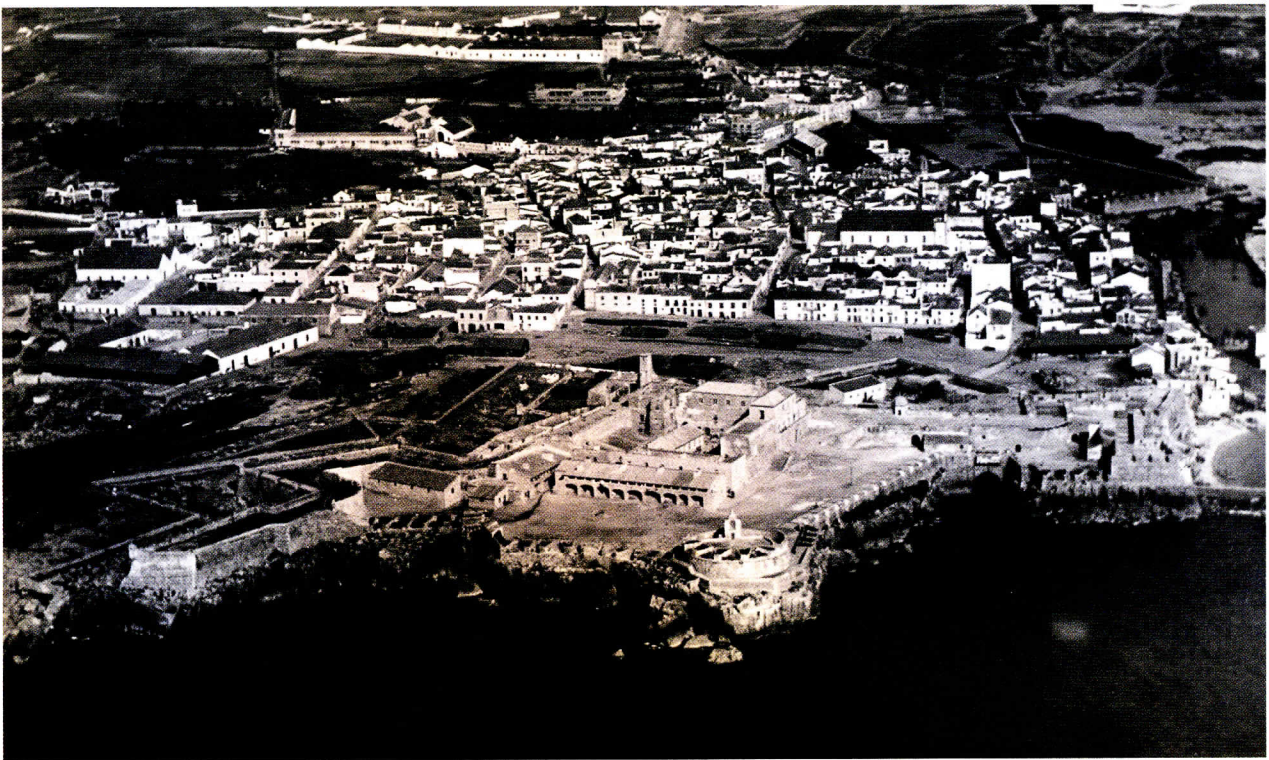
Political prison

Following the military coup of 28 May 1926, the Fortress and Peniche itself went on hosting political prisoners and residents under correctional control.

In 1934 the fascist regime established the Depot of Peniche Prisoners, run by the PVDE (State Surveillance and Defence Police). Prisoners were accommodated in the Fortress's old structures and were charged with daily domestic tasks such as cleaning of barracks, washing clothes and preparing meals – always under the close surveillance of the National Republican Guard.

In 1945 the prison fell under the tutelage of the Ministry of Justice, but the PIDE (State Defence International Police) maintained its control.

In 1953 works were initiated for construction of a new American inspired high security prison. A significant part of the old building structures was demolished so as to be replaced by the Peniche Fort Prison.



Vista aérea da Fortaleza de Peniche
Década de 1940
Museu Municipal de Peniche

Air view of the Fortress of Peniche
1940s
Museu Municipal de Peniche

Da Fortaleza à cidade

A presença da Fortaleza e de todo o complexo defensivo teve longo impacto na história de Peniche. Se por um lado garantia segurança, por outro, eternizava Peniche na condição de 'ilha'.

A conversão da Fortaleza numa prisão política do Fascismo acentuou essa vertente de separação e trouxe um rigoroso controlo da vida urbana. A população assistia à chegada das famílias dos presos, a cuja dor e combate não podia ficar indiferente.

Após o 25 de Abril de 1974 a população exigiu imediatamente a abertura das portas da cadeia e a libertação dos presos, sentindo-a como a sua 'própria libertação'.

No pós-Revolução a Fortaleza ainda recebeu presos do regime fascista e entre 1977-1982 acolheu os nacionais vindos das antigas colónias.

A partir de 1984 a Câmara Municipal de Peniche assumiu a gestão da Fortaleza, promovendo a reutilização de espaços para atividades associativas, formativas e culturais, aliando a preservação da memória da resistência à da luta pela liberdade.

Finalmente, a 27 de Abril de 2017, o Conselho de Ministros, reunido na Fortaleza de Peniche, confirmou a vontade de criar naquele monumento um museu de dimensão nacional dedicado à luta pela liberdade e pela democracia, atribuindo a respetiva tutela à Direcção-Geral do Património Cultural.

From Fortress to town

The presence of the Fortress and its defensive system had an extended impact on the history of Peniche. While it ensured its safety, it also perpetuated its "island" condition.

Conversion of the Fortress into a political prison of the Fascist regime emphasized this separation and resulted in a strict control of urban life. As it watched prisoners' families arrive, the local population could not be indifferent to their sorrow and combat.

After the Revolution of 25 April 1974, the population immediately demanded the opening of the prison gates and the release of its prisoners, feeling as though it was their "own freedom".

In the post-Revolution period, the Fortress still housed fascist regime prisoners and between 1977 and 1982 it sheltered Portuguese nationals returning from the former colonies.

The Peniche City Council took over management of the Fortress in 1984 and reused its spaces for association, training and cultural activities, thereby combining the preservation of the memory of resistance with fight for freedom.

Finally, on 27 April 2017, the Council of Ministers, meeting in the Fortress of Peniche, confirmed its desire to use the monument to create a museum of national significance dedicated to the struggle for freedom and democracy, and to assign it to the guardianship of the Directorate General of Cultural Heritage.



Dinis Miranda, primeiro preso político libertado na madrugada de 27 de Abril de 1974, saúda a população de Peniche
António Alves Seara
Museu Municipal de Peniche

Dinis Miranda, first political prisoner released on the dawn of 27 April 1974, greets the population in Peniche
António Alves Seara
• Museu Municipal de Peniche

Barra Cronológica

1527

Dados do recenseamento ordenado por D. João III: 47 vizinhos em Peniche de Cima e 44 na Ribeira (Peniche de Baixo), o que perfaz cerca de 800 moradores

1544 (15 de julho)

No seguimento de ataque realizado por corsários franceses, D. Afonso de Ataíde, Conde de Atouguia, escreve a D. João III advogando a necessidade de proceder à defesa do lugar e porto da Ribeira (Peniche-de-Baixo).

1557

Início das obras de fortificação de Peniche. D. João III ordenara a D. Luís de Ataíde a construção de um baluarte, com sua torre, no sítio do Alto da Vela.

1558

Conclusão da construção do Baluarte Redondo, atribuído a Diogo Teles revelando influência dos fortes do sul de Inglaterra, designadamente do Fort Pendennis (1540-1543), aplicando os princípios teorizados por Albrecht Dürer no seu tratado de 1527.

1572

Início dos trabalhos da fortaleza sob a responsabilidade do mestre-de-obras Gonçalo de Torralva. Interrupção das obras em 1578, por via da partida para a Índia, de Luís da Ataíde, nomeado Vice-rei.

1589 (26 de maio)

Desembarque da armada luso-britânica, constituído por cerca de 155 navios e 6 500 homens, com o objectivo de colocar no trono de Portugal D. António Prior do Crato. Depois de tomar a Fortaleza, esta força militar seguiria para Lisboa.

1589

Filipe II envia Filippo Terzi a Peniche para consolidar o Fortim e as muralhas e estudar hipóteses de melhoramentos.

1605

D. Filipe III ao vice-rei D. Pedro de Castilho que "ordeneis que Leonardo Turriano meu engenheiro que va ver ocularmente o forte e sitio em que esta Peniche e se sera do defeito que se pretende vendo-se primeiro as obras que se fazem cõ o dinheiro das terças e que o dito Leonardo Turriano faça traça e voto de que me enviareis".

1609

O Engenheiro militar Luís Gabriel é incumbido pelo rei de orientar as obras de abastecimento de água, estudar o traçado de uma ponte para facilitar o acesso à povoação e comandar as obras da Fortaleza.

1609 (12 de novembro)

Filipe III eleva Peniche a vila e sede de concelho.

1640 (1 de dezembro)

Restauração da Independência.

1641

João IV ordena o reconhecimento do sítio de Peniche: "... tenho ordenado que o Padre Simão Falónio da Companhia de Jesus e o Sargento Mor Belchior Lopes de Carvalho vão reconhecer o sitio de Peniche para se fortificar".

1642 (31 de maio)

O Conselho de Guerra, instituído por D. João IV, referindo-se ao atraso nos trabalhos de fortificação de Peniche refere ser esta "praça de tão grande importância e a principal chave do Reyno pela parte do mar".

Timeline

1527

Census data from the census commissioned by D. João III: 47 households in Peniche de Cima and 44 in Ribeira (Peniche de Baixo)- a total of about 800 residents

1544 (15 July)

Following the attack by French corsairs, D. Afonso de Ataíde, the Count of Atouguia, wrote to D. João III advocating the need to defend the site and the port of Ribeira (Peniche-de-Baixo).

1557

Beginning of the Peniche fortification works. D. João III ordered D. Luís de Ataíde to build a bastion with a tower on the site of Alto da Vela.

1558

Completion of construction of the Round Bastion, attributed to Diogo Teles and revealing the influence of the strongholds of southern England, particularly Pendennis Castle (1540-1543), applying theoretical principles of Albrecht Dürer's treatise of 1527.

1572

Start of the fortress works under the command of the master of works Gonçalo de Torralva. Interruption of the works in 1578 due to the departure for India of Luís da Ataíde, appointed Viceroy.

1589 (26 May)

Landing of the Luso-British naval force, consisting of about 155 ships and 6 500 men, with the aim of placing D. António Prior do Crato on the Portuguese throne. After taking the Fortress, this military force would go to Lisbon.

1589

Filipe II sent Filippo Terzi to Peniche to consolidate the Round Fort and the walls and to study improvement options.

1605

D. Filipe III to the viceroy D. Pedro de Castilho "order Leonardo Turriano my engineer who is going to see the fort and area of this Peniche and view the alleged defects for himself and first see the works carried out with the money of the Infantrymen and of which said Leonardo Turriano will make drawings and give an opinion that you will send to me".

1609

The military engineer Luis Gabriel was commissioned by the king to oversee the water supply works, study the drawing of a bridge to facilitate access to the town and manage the works of the Fortress.

1609 (12 November)

Filipe III elevated Peniche to the status of village and county seat.

1640 (1 December)

Restoration of independence.

1641

João IV ordered the recognition of the Peniche site: "... I have ordered Father Simão Falónio of the Society of Jesus and Sergeant Mor Belchior Lopes de Carvalho to recognize the Peniche site for fortification".

1642 (31 May)

The Council of War, established by D. João IV, referring to the delay in the Peniche fortification works, mentions this "place of such great importance and the main gateway to the Kingdom from the sea".

1642
Conselho de Guerra envia o engenheiro-mor Charles Lassart a Peniche para verificar as obras e averiguar a necessidade de alterar o projeto. Lassart traça uma nova planta "nas mais partes da ilha não há sitio que se possa artesoar como se mostra na planta que o Engenheiro mor franses tirou".

1645
Conclusão das obras como certifica a inscrição na porta da Fortaleza.

1652
Deslocação de D. João IV a Peniche para inspeção das obras.

1657 (7 de Agosto)
D. António Luís de Meneses, Charles Lassart e Simão Mateus deslocam-se a Peniche para efetuarem um desenho mais conveniente da frente abaluartada; acordaram "que se devia fortificar a villa de mar a mar com dous baluartes e dous meynos". A planta da autoria de Simão Mateus foi aprovada por Carlos Lassart, mas as características geomorfológicas obrigaram ao recuo da muralha para norte.

1659
Início das obras da frente abaluartada.

1671
Conclusão dos trabalhos de construção do pano amuralhado da praça militar, segundo inscrição patente no Baluarte Redondo e que originalmente estaria exposta no Forte das Cabanas.

1698
É criado o Terço de Peniche que, em 1707, passa a ser designado de Regimento de Infantaria de Peniche.

1759 (janeiro)
No âmbito do processo dos Távoras, movido pelo Marquês de Pombal, as propriedades dos Ataídes (familiares dos Távoras) são confiscadas e picadas as suas armas, existentes no Baluarte Redondo e na Porta de Armas da cidadela.

1773
Obras de remodelação da capela de Santa Bárbara.

1793 (abril)
O Regimento de Infantaria de Peniche participa entre 1793 e 1795, na chamada Guerra do Rossilhão, entre Espanha e França, recebendo o privilégio de inscrever na sua bandeira a divisa "Ao valor do Regimento de Infantaria de Peniche".

1807 (8 de dezembro)
Ocupa a praça militar de Peniche um contingente militar franco-espanhol, sob o comando do general Thomières, que ficará instalado na Fortaleza.

1809
A Praça de Peniche é recuperada pelos ingleses e portugueses, comandados pelo general Richard Blunt.

1824
Transferência para a Fortaleza de Peniche de uma centena de liberais, de entre os quais se contavam o general Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda e o Marquês de Fronteira, vindos das cadeias do Castelo e do Limoeiro, em Lisboa.

1833 (25 de julho)
A guarnição da Fortaleza abandona a praça militar, depois de tomar conhecimento da derrota das tropas miguelistas. Nesse mesmo dia, as tropas liberais, comandadas pelo barão de Sá da Bandeira, ocupam a Fortaleza.

1642
The Council of War sent master engineer Charles Lassart to Peniche to inspect the works and ascertain the need to modify the project. Lassart produced a new drawing - "in most parts of the island there is nowhere that can be used for construction as shown in the drawing produced by the French master-Engineer."

1645
Completion of the works as certified by the inscription on the door of the Fortress.

1652
King João IV travelled to Peniche to inspect the works.

1657 (7 August)
D. António Luís de Meneses, Charles Lassart and Simão Mateus travelled to Peniche to produce a better drawing of the bulwarked front; they agreed "that the town should be fortified from sea to sea with two ramparts and two centres". The drawing of Simão Mateus was approved by Carlos Lassart, but the geomorphological characteristics forced the wall backwards towards the north.

1659
Beginning of the works of the front bulwark.

1671
Completion of construction of the walled section of the military square, based on the inscription in the Round Fort that was originally exhibited in the Forte das Cabanas.

1698
The Peniche Legion was created and, in 1707, was designated the Peniche Infantry Regiment.

1759 (January)
As part of the Távoras case, instigated by the Marquis of Pombal, the properties of the Ataídes (relatives of the Távoras) were confiscated and their coat of arms removed - these are now in the Round Fort and the Entrance Gate of the citadel.

1773
Remodelling of the chapel of Santa Bárbara.

1793 (April)
Between 1793 and 1795, the Peniche Infantry Regiment was involved in the so-called War of the Roussillon, between Spain and France, receiving the privilege of inscribing the motto "To the courage of the Peniche Infantry Regiment" on its flag.

1807 (8 December)
The Peniche military square was occupied by a Franco-Spanish military contingent, under the command of General Thomières, who established himself in the Fortress.

1809
The Peniche military square was recaptured by the English and Portuguese, commanded by General Richard Blunt.

1824
Transfer to the Fortress of Peniche of a hundred Liberals, including General Bernardo Correia de Castro and Sepúlveda and the Marquis of Fronteira, from the Castelo and Limoeiro jails in Lisbon.

1833 (25 July)
The Fortress garrison left the military square, after learning of the defeat of the Miguelista troops. On the same day, the liberal troops, commanded by Baron de Sá da Bandeira, occupied the Fortress.

1837 (19 de outubro)
Explosão num dos paíóis da Fortaleza, seguida de incêndio, que destruiu o Palácio do Governador da Praça, de traça seiscentista.

1868
Instalação na Fortaleza do Depósito de Emigrados Espanhóis, constituído por militares que haviam participado no fracassado golpe liberal de 2 de janeiro de 1866, liderado pelo general Joan Prim y Prats.

1894 (2 de junho)
Instalação na Fortaleza do Depósito de Emigrados Brasileiros na Fortaleza (grupo de 148 refugiados políticos brasileiros, que participaram na Revolta da Armada de 1893 contra o governo republicano de Floriano Peixoto.

1901
Chegam a Peniche 368 refugiados boers, provenientes da África do Sul, alojados na Fortaleza e noutros locais da vila, até 18 de julho de 1902.

1908
Visita realizada âmbito da obra social do jornal republicano O Século, com o objetivo de avaliar a possibilidade de instalação de um sanatório para doentes tuberculosos na Fortaleza.

1917
Instalação na Fortaleza um Depósito de Concentrados de nacionalidade alemã e austro-húngara. Estes prisioneiros serão libertados apenas em outubro de 1919, após a assinatura do Tratado de Versailles.

1934
Instalação na Fortaleza do Depósito de Presos de Peniche, destinado a opositores ao regime ditatorial do Estado Novo.

1953
Início das obras de edificação na Fortaleza de um novo estabelecimento prisional, formado por blocos prisionais segundo o modelo americano. Nasce a chamada Cadeia do Forte de Peniche.

1960 (3 de janeiro)
Dá-se a mais relevante das diversas fugas registadas da prisão política. Evade-se da ala de alta segurança do Bloco C um conjunto de membros do Partido Comunista Português, no qual se destaca Álvaro Cunhal, líder histórico deste partido.

1974 (27 de abril)
Libertação dos presos políticos após o triunfo da Revolução dos Cravos

1976
Até fevereiro de 1976, às ordens do Movimento das Forças Armadas, permanecem nas instalações prisionais da Fortaleza antigos agentes da política.

1977 (21 de setembro)
Instalação da na Fortaleza de um Centro de Acolhimento de Refugiados, dirigido pela Cruz Vermelha Portuguesa, recebendo mais de meio milhão de retornados das antigas colónias. Este centro encerra em 31 de dezembro de 1982.

1984
A Câmara Municipal de Peniche instala na Fortaleza várias valências de natureza cultural e lúdica, com destaque para o Museu de Peniche (atual Museu Municipal de Peniche), com um núcleo dedicado à Resistência.

2017 (27 de abril)
O Governo de Portugal, reunido em Conselho de Ministros na Fortaleza de Peniche, determina a criação neste local do Museu Nacional Resistência e Liberdade.

1837 (19 October)
Explosion in one of the fortress armouries, followed by fire, which destroyed the Governor's Palace, of 17th century design.

1868
Installation of the Spanish Emigrants Depot in the Fortress, consisting of troops that had participated in the failed liberal coup of 2 of January of 1866, led by general Joan Prim i Prats.

1894 (2 June)
Installation of the Brazilian Emigrants Depot in the Fortress (a group of 148 Brazilian political refugees, who participated in the 1893 Naval Revolt against the republican government of Floriano Peixoto.

1901
368 Boer refugees arrived in Peniche from South Africa and were accommodated in the Fortress and elsewhere in the village, until 18 July, 1902.

1908
Visit carried out as part of the social work of the republican newspaper O Século, with the aim of evaluating the possibility of establishing a sanatorium for tuberculosis patients in the Fortress.

1917
Installation of a Internment Camp of German and Austro-Hungarian nationals in the Fortress. These prisoners were only released in October 1919, following the signing of the Treaty of Versailles.

1934
Installation of the Peniche Prisoners Depot in the Fortress, intended for opponents of the Estado Novo dictatorship.

1953
Start of the building works for a new prison in the Fortress, formed by prison blocks based on the American model. The so-called Fort of Peniche Jail was created.

1960 (3 January)
It was the site of the most important of the several recorded escapes from political prison. A group of Portuguese Communist Party members, including Alvaro Cunhal, the party's historic leader, escaped from the high security wing of Block C.

1974 (27 April)
Release of political prisoners after the triumph of the Carnation Revolution

1976
Until February 1976, at the orders of the Movement of the Armed Forces, former political agents remained in the Fortress prison facilities.

1977 (21 September)
Installation of a Refugee Reception Centre in the Fortress, run by the Portuguese Red Cross, receiving more than five hundred returnees from the former colonies. The centre closed on 31 December, 1982.

1984
Peniche Municipal Council established several cultural and recreational facilities in the Fortress, in particular the Peniche Museum (the present day Municipal Museum of Peniche), with a section dedicated to the Resistance.

2017 (27 April)
The Government of Portugal, meeting in Council of Ministers in the Fortress of Peniche, decided to create the National Museum of Resistance and Freedom in this place.

PROJETO DE ARQUITETURA DO MUSEU

ARCHITECTURAL DESIGN OF THE MUSEUM

A ideia de museu materializa-se na sobreposição de três tempos: o tempo da fortaleza, o tempo da prisão política e o tempo atual, do museu, com o reconhecimento da importância da salvaguarda e conservação do conjunto no seu todo. Conservar, adaptar e construir de novo são ações complementares, parte de um mesmo processo, que estão na gênese do projeto museológico.

O projeto de arquitetura assenta na preservação e valorização dos espaços e edifícios existentes, tendo em conta a sua importância como testemunho e memória. O antigo estabelecimento prisional organizava-se em núcleos separados e independentes, cada um constituído por bloco de celas e pátio. A adaptação do conjunto a museu prevê a reorganização e sobreposição de percursos de diferentes naturezas, que permitem relacionar os edifícios e os pátios do núcleo central e as plataformas circundantes. Entre estes, destaca-se o próprio percurso museológico através dos edifícios e pátios da antiga prisão política e o percurso de visita aos elementos da fortaleza do século XVI, como matriz de arquitetura militar do conjunto.

O pátio da cisterna, que também foi o pátio principal da prisão, é o elemento estruturante do projeto. Pretende-se que seja um espaço vivido e frequentado por habitantes locais e visitantes, com acesso livre através do hall da receção e servido pela cafeteria. Com entrada através da antiga porta do palácio do governador, o hall da receção é um espaço aberto para o pátio, com balcões, bengaleiro, zonas de estar, acesso às casamatas e ligação à cafeteria e à loja do museu. Organizado em torno do pátio da cisterna, o museu tem início e conclusão no hall da receção, atravessa os quatro blocos e os quatro pátios do núcleo central da prisão política e estrutura-se em diferentes núcleos. Cada núcleo tem características próprias, relacionadas com o caráter dos espaços existentes. Os ambientes do percurso museológico variam

The museum idea is embodied in three overlapping periods: the fortress period, the era of political imprisonment and the present day period of the museum, with recognition of the importance of safeguarding and preserving the whole complex. Conserving, adapting and rebuilding are complementary actions, part of the same process, which are at the core of the museological project.

The architecture project is based on the preservation and appreciation of existing spaces and buildings, taking account of their importance as a testimony and memory. The old prison was organized into separate, independent blocks, each consisting of a block of cells and a yard. The adaptation of the complex to a museum provides for the reorganization and overlapping of different types of routes, which are used to relate the buildings and yards of the central block and surrounding platforms. These include the museum's own route through the buildings and courtyards of the former political prison and the visit to the 16th century fortress elements, as the essence of the military architecture of the complex.

The cistern yard, which was also the main prison yard, is the focal element of the design. It is intended to provide a space lived in and visited by locals and tourists, with free access through the reception hall and served by the cafeteria. With the entrance through the old gate of the governor's palace, the reception hall is an open space to the main yard, with counters, cloakroom, seating areas, access to gun emplacements and connection to the cafeteria and museum shop. Organized around the cistern yard, the museum begins and ends in the reception hall, moving through the four blocks and four yards of the political prison's central block and is structured in different blocks. Each block has its own characteristics, related to the character of the existing spaces. The museological route shows a range of environments

entre o núcleo de celas de alta segurança, brancas, frias e despidas, e os restantes núcleos, dedicados em grande parte ao tema da resistência ao regime fascista. Estes são caracterizados por uma luz reduzida e justa, com som e silêncio controlados e materiais que procuram o máximo conforto. Outros espaços podem ser adicionados ao percurso museológico principal, nomeadamente as casamatas e os próprios pátios.

No exterior pretende-se clarificar a condição do lugar, como ilha, marcada pelo isolamento em relação ao território e à cidade. Neste sentido, é recuperado o fosso junto ao revelim de entrada, hoje ajardinado, devolvendo a presença da rocha em toda a sua extensão e intensificando o percurso de aproximação ao conjunto, sobre a ponte.

the cells of the high security block, white, cold and bare, and the remaining blocks, dedicated mainly to the theme of resistance to the fascist regime. These are characterized by gentle, precise light, with controlled sound and silence and materials that seek maximum comfort. Other spaces can be added to the main museological route, namely the gun emplacements and yards themselves.

The outside areas are used to showcase the condition of the site as an island, marked by isolation in relation to the area and the city. In this sense, the moat is recovered at the entrance, now landscaped, returning the presence of rock throughout its length and intensifying the approach route to the complex, over the bridge.



“Nomeai um a um todos os nomes.
Lutaram e resistiram.
A liberdade guarda a sua memória
nas muralhas desta fortaleza”

António Borges Coelho

“Say all the names one by one.
They fought and resisted.
Liberty holds their memory in the walls
of this fortress”

António Borges Coelho

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Organização / Organization

Direção-Geral do Património Cultural
Comité Executivo do Museu de Peniche
[DR – Despacho n.º 9667/2018 de 16.10.2018]

—
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
João Barros Matos
José Pacheco Pereira
Paula Araújo da Silva
Silvestre Lacerda
Teresa Pacheco Albino

Parcerias / Partnerships

Câmara Municipal de Peniche
Gabinete de Estudos Sociais
Partido Comunista Português
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e Bibliotecas
Instituto de História Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa
União de Resistentes Antifascistas Portugueses
Ephemera

Coordenação executiva / Executive coordination

Teresa Pacheco Albino

Museologia / Museology

Aida Rechená
Rosalina Carmona
Teresa Pacheco Albino

Museografia / Museography

Atelier AR4, Arquitetura, Lda
João Barros Matos

Seleção de Conteúdos / Contents Selection

Aida Rechená
Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Bonifácio Serra
José Pedro Soares
Manuela Bernardino
Rosalina Carmona
Rui Venâncio
Silvestre Lacerda
Teresa Pacheco Albino

Textos / Texts

Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Barros Matos
João Bonifácio Serra
Manuela Bernardino
Rui Venâncio

Projeto de comunicação e design gráfico / Communication project and graphic design

Atelier Pedro Falcão

Tradução / Translation

Cíntia Pereira de Sousa

Programa da Comemoração / Commemoration Programme

David Santos
Fátima Roque
Rosalina Carmona

Gestão orçamental / Budgetary management

Fernanda Steiger Garção
Filipe Campos Silva
Manuel Diogo
Paula Azevedo

Revisão de textos / Texts revision

Aida Rechená
Céu Novais
Cíntia Pereira de Sousa
Rosalina Carmona
Teresa Pacheco Albino

Conservação e restauro / Conservation and restoration

Jorge Martins

Construção / Construction work

João Bessa Pinto
Luís Ferro
—
Feira do Vidro
Frademetalúrgica, Lda
HCl, Construções, S.A
Monumenta, Lda
TECNACO, Técnicos de Construção, SA
STAP, Lda

Sonoplastia e áudio-guia / Sound effects and audioguide

Centro de Computação Gráfica
Universidade do Minho

Audiovisual e animação / Audiovisual equipment and animation

Garden Films

Serviço Educativo / Education

Ângela Alves

Comunicação / Communication

António Dores
Céu Novais
Paula Delgado

Imprensa / Press

Céu Novais

Créditos Fotográficos / Photography Credits

António Alves Seara
António Jorge Silva / AMJP
AHM
BNP
CMP
CMVFX
Centro de Documentação
25 de Abril – UC
Eduardo Gageiro
DGLAB – ANTT
GES – PCP
José Paul Ruas / ADF-DGPC
Luís Correia Peixoto

Produção Gráfica / Graphic production

Logotexto, Lda

ROTEIRO / ITINERARY

Coordenação editorial / Editorial Coordinator

Teresa Pacheco Albino

Textos / Texts

Alice Samara
Domingos Abrantes
Fernando Rosas
Francisco Ruivo
Joana Dias Pereira
João Barros Matos
João Bonifácio Serra
Manuela Bernardino
Rui Venâncio

Tradução / Translation

Linguaemundi.pt

Revisão de textos / Texts revision

Aida Rechená
Ângela Alves
Céu Novais
Cíntia Pereira de Sousa
Rosalina Carmona

Conceção e Design gráfico / Concept and Graphic design

Atelier Pedro Falcão

Créditos fotográficos / Photography Credits

António Alves Seara
António Jorge Silva / AMJP
AHM
BNP
CMP
CMVFX
Centro de Documentação
25 de Abril – UC
DGLAB – ANTT
GES – PCP
José Paul Ruas / ADF-DGPC
Miranda Castela / AFAR
Luís Correia Peixoto

Impressão / Printing

Gráfica Maiadouro

1ª Edição
Abril de 2019

Editor / Publisher

Direção-Geral do Património Cultural
ISBN 978-972-776-545-4

Depósito legal
455 052/19

AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGMENTS

Adelaide Alves
Ana Pedro
António Borges Coelho
Carlos Vitoriano
Eulália Miranda e Silvina Miranda
Herculana Velez
José Pedro Soares
Luís Filipe Rocha
Luísa Maria Correia Azevedo d'Espiney
Margarida Machado
Maria Eugénia Varela Gomes
Mário Rui Sena Lopes e José António Sena Lopes
Mónica Braz de Almeida
Rita Jerónimo
Rui Ramos e Mabilía Ramos

Archaeological Survey of India – Archaeological Museum
Arquivo de História Social – Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa
Arquivo do Diário de Notícias – Global Media Group
Arquivo Fotográfico da Assembleia da República
Arquivo Histórico – Biblioteca Central de Marinha
Arquivo Histórico Ultramarino
Biblioteca Nacional de Portugal
Câmara Municipal de Cascais – Museu da Música Portuguesa
Câmara Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico
Câmara Municipal de Lisboa – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
Câmara Municipal de Lisboa – Hemeroteca
Câmara Municipal de Peniche – Museu Municipal de Peniche
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – Museu do Neorealismo
Câmara Municipal do Porto – Arquivo Histórico do Porto
Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra
Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional
Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar – Divisão de Infraestruturas do Exército
Sociedade Portuguesa de Autores
Universidade Aberta

